

Amélia A. Mingas

Interferência do Kimbundu  
no Português Falado  
em Lwanda



Edições  
CHÁ DE CAXINDE

*Ao Jota, meu marido e companheiro,  
à minha Arlete e ao marido Rui,  
aos meus netos, Zilla, Milton e Denise*

INTERFERÊNCIA DO KIMBUNDU  
NO PORTUGUÊS FALADO EM LWANDA

Autora: Amélia A. Mingas

Título original: Interférence du kimbundu sur le portugais parlé à Luanda

Direcção gráfica e capa: Loja das Ideias

© CAXINDE, Editora e Livraria, 2000

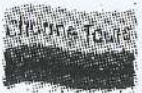
Avenida do 1.º Congresso do MPLA, 20/24 Luanda

Telefones: 336020/334400 Tel./Fax: 332876

1.ª edição: Março de 2000

Depósito legal n.º 1696/2000

A edição deste livro teve o apoio de:



Agência de Viagens, Lda.

# Índice

Prefácio	11
Notas Preliminares	15
Signos e Abreviações	19
Introdução	21
I – Generalidades	21
II – Objectivo, corpus e metodologia	22
1. Objectivo	22
2. Corpus	23
3. Metodologia	25
Capítulo I	29
Angola: dados geolinguísticos e históricos	29
1. Situação geográfica	29
1.1 <i>Alguns dados históricos</i>	30
2. Situação linguística	30
Capítulo II	35
As línguas em contacto	35
1. O kimbundu	35
2. O português	38
2.1 <i>As vogais</i>	39
Capítulo III	43
Uma abordagem sociolinguística	43
1. Generalidades	43
2. O período colonial	44
2.1 <i>Organização social</i>	44

2.1.1 <i>Os Portugueses</i>	45
2.1.2 <i>Os Angolanos</i>	46
2.2 <i>O Ensino</i>	48
2.3 <i>A situação linguística</i>	49
2.4 <i>Actividades culturais</i>	53
3. O período pós-colonial	54
<b>Capítulo IV</b>	59
<b>As interferências</b>	59
1. Generalidades	59
2. Interferências lexicais	59
2.1 <i>Interferências fónicas</i>	60
3. Interferências morfosintácticas	66
3.1 <i>Generalidades</i>	66
3.2 <i>Os acordos (de número e/ou de género)</i>	67
3.3 <i>O nominal complemento directo/indirecto</i>	71
3.4 <i>O acordo entre o nominal sujeito e o predicado</i>	73
3.5 <i>Os locativos</i>	75
4. A lexicalização dos empréstimos	78
<b>Conclusão</b>	91
<b>Bibliografia</b>	95
<b>Índice</b>	99
<b>Glossário</b>	105

## Prefácio

A publicação da obra "Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda", de Amélia Mingas, doutorada em Linguística Geral e Aplicada pela Universidade René Descartes – Paris V, reveste-se de um especial interesse. Com efeito, é o primeiro estudo de investigação científica sobre esta temática e, por outro lado, apresenta seriedade e rigor científico na abordagem de determinadas questões relacionadas com a complexa situação linguística angolana, dada a coexistência do português, língua neolatina e das línguas nacionais (locais), na sua maioria do grupo bantu, mas todas elas veículos de comunicação e expressão.

A realização da língua portuguesa, em Angola, dá-se numa situação de plurilinguismo (nível nacional) e de pluri ou bilinguismo (nível individual), o que pressupõe, obviamente, que todo o trabalho de investigação relativo a esta problemática deve ser orientado a partir e em função desta realidade linguística.

O fenómeno do contacto linguístico e o que dele decorre – como, por exemplo, as interferências – não pode nem deve ser ignorado e/ou negligenciado, dadas as implicações metodológicas e pedagógicas que dele advêm, como se constata ao longo deste estudo, dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo, são fornecidos alguns dados geolinguísticos e históricos de Angola, assim como o corpus e a metodologia

utilizada. O segundo capítulo ocupa-se do fenómeno de contacto entre o kimbundu e o português e apresenta quadros fonéticos relativos aos sons vocálicos e consonânticos destas línguas, para uma mais clara compreensão das interferências. O terceiro capítulo consta de uma abordagem sociolinguística do país, tendo como marco a Independência. O ensino e a política linguística vigentes no período colonial e a nova opção política do Governo angolano relativamente à situação linguística são também abordados. O quarto capítulo apresenta uma análise profunda de dados relativos às interferências, quer a nível da oralidade, quer a nível da escrita.

Tendo como principal objecto do trabalho a análise descritiva de algumas características do português falado em Lwanda, Amélia Mingas, apoiando-se numa bibliografia especializada e partindo do estudo linguístico de textos extraídos do "Jornal de Angola", da recolha de frases orais (análise inicial de palavras isoladas e posteriormente de frases) e empréstimos do português ao kimbundu, apresenta-nos uma inventariação de interferências lexicais do kimbundu no português e ainda de significativas alterações fonológicas e morfossintáticas que se operaram nas palavras e frases do kimbundu ao serem lexicalizadas pelo português falado em Lwanda, cujos desvios (não erros), em relação à Norma padrão europeia são cada vez mais relevantes. Partindo deste estudo linguístico, questionamo-nos sobre a possibilidade de estarmos, não somente perante um processo de formação de uma variante, mas sim de diversas variantes angolanas do português, resultantes do contacto da língua portuguesa e das outras línguas africanas bantu existentes e utilizadas no país, de Kabinda ao Kunene.

Esta situação pressupõe, numa primeira fase, o levantamento do português fundamental (mais usual) em

Angola, que ajudaria a resolver os problemas imediatos do ensino e aprendizagem desta língua; numa segunda fase, impor-se-ia a realização de outros estudos de carácter didáctico, como:

- estabelecimento da Norma padrão angolana, diferenciada da Norma padrão portuguesa;

- revisão das gramáticas descritivas e normativas (contacto de dois sistemas linguísticos estruturalmente diferentes um do outro);

- estabelecimento de critérios para uma ortografia adequada (palavras provenientes das línguas nacionais, neologismos, empréstimos);

- estabelecimento de uma nova didáctica da língua portuguesa, quer como língua materna, quer como língua segunda (novos conteúdos programáticos, métodos e técnicas de ensino adequados);

- inventariação dos erros provenientes das interferências, resultantes do contacto linguístico como forma de se evitar a sua cristalização;

- apoio incondicional ao estudo científico das línguas nacionais, visando a sua actualização, integração no ensino e utilização em todos os domínios e situações.

Estas questões deveras preocupantes e que estão implícitas no estudo de Amélia Mingas levam-nos, uma vez mais, a reforçar a urgência de uma definição correcta e realista de uma política linguística baseada em estudos e trabalhos de investigação, em consultas feitas aos

peritos angolanos ligados a esta problemática e ainda em experiências linguísticas de outros países africanos, para que todas as línguas possam coexistir harmoniosamente no nosso país.

"Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda", publicação das *Edições Chá de Caxinde*, é uma obra, que em nossa opinião, pelo seu conteúdo e didactismo, deverá ser adoptada, como livro obrigatório, pelos alunos de Linguística do ISCED, e pelos professores de língua portuguesa, para uma maior eficácia do ensino desta língua em Angola.

Para finalizar, fazemos votos para que Amélia Mingas, linguista de mérito, pela sua formação e qualidade dos trabalhos que tem vindo a elaborar no domínio da Linguística, com a publicação desta obra e de outras que se seguirão certamente, abra caminho a outros linguistas, filólogos, professores, alunos de linguística e interessados, incentivando-os a realizarem trabalhos de pesquisa linguística em todo o país, a publicarem os resultados obtidos, a fim de serem confrontados uns com os outros (análise comparativa), visando a valorização de todas as línguas existentes e faladas em Angola, e que constituem o suporte da identidade cultural do povo angolano.

*IRENE GUERRA MARQUES*  
*ABRIL/1999*

## Notas Preliminares

A presente obra é a tradução do texto de um trabalho elaborado, durante o ano lectivo 1987/1988, para obtenção do Certificado de C4 em Ciências da Linguagem (Sociolinguística), junto do U.E.R. da Universidade de Paris V, em França. Instada por amigos e colegas, decidimo-nos a publicá-lo. Se atentarmos ao tempo, poderemos ser levados a pensar que ela perdeu actualidade. Na verdade, na altura em que o trabalho foi escrito, o kimbundu era a língua africana maioritária na cidade, considerando o número dos seus locutores.

Hoje em dia, com as deslocações constantes de comunidades vindas das províncias, e tendo línguas diferentes do kimbundu como maternas, o fenómeno de interferência, em Lwanda, ganhou novas formas. Nesta conformidade, o kimbundu é hoje, mais uma dentre as várias línguas com as quais o português está em contacto nesta cidade. Contudo, tendo em conta que a dinâmica da interacção linguística não foi alterada, resolvemos traduzir o texto inicial, após uma revisão do mesmo, melhorando-o com a introdução de designações científicas das espécies da flora e fauna angolanas, por nós utilizadas, graças à ajuda da bióloga Susana Guerra Marques, cuja participação neste trabalho agradecemos.

A obra tem como objecto uma abordagem descritiva das características de uma variante da língua portuguesa

em África, nomeadamente o português falado em Angola, mais precisamente em Lwanda, a capital.

Durante a época colonial, esta variante era errada e ironicamente designada "pretoguês", "português de preto", "português moreno" e/ou "dialecto", o que criou não só condições óptimas para a promoção do português, como também, por um lado, a ideia de que as línguas locais eram inferiores ao português e por outro, um sentimento de vergonha por parte de alguns Angolanos ao admitirem ter uma língua sem prestígio como língua primeira e/ou materna.

Louis-Jean Calvet interpretou bem este facto quando afirma:<sup>1</sup>

"... Les langues locales que l'on baptisait le plus souvent – 'dialectes' – n'étaient nulle part prises en compte et certains s'attachaient même à démontrer leur infériorité. En outre, si l'on exclut les efforts en peu désordonnés et dispersés des missionnaires (qui enseignaient souvent le catéchisme en langue locales mais utilisaient pour ce faire des orthographes fantaisistes), ces langues n'étaient même pas écrites: personne ne se préoccupait avec leur phonologie propre".

<sup>1</sup> "... as línguas locais que eram baptizadas, o mais frequentemente, por 'dialectos', não eram nunca tidas em linha de conta e alguns preocupavam-se mesmo em demonstrar a sua inferioridade. Por outro lado, se excluirmos os esforços algo desordenados e dispersos dos missionários (que ensinavam muitas vezes o catecismo em línguas locais mas utilizando ortografias fantasistas), estas línguas nem sequer eram escritas: ninguém se preocupava com a sua fonologia própria". Cf., Louis-Jean CALVET, 1981, pág. 35.

A importância deste estudo advém do facto que, em Angola constata-se uma situação de contacto de línguas entre o português, língua oficial e de origem europeia, e as diferentes línguas locais, de origem africana e pertencendo, na sua maioria, à família bantu. Tendo em conta a diversidade das línguas, limitámos o nosso estudo à região de Lwanda, na medida em que uma análise alargada do problema ultrapassaria de longe o objectivo que tínhamos preconizado, que é a elaboração de um "mémoire de maîtrise". Consequentemente, o nosso trabalho debruçar-se-á somente sobre o contacto entre o kimbundu e o português.

Através do nosso estudo, gostaríamos não só de demonstrar, como também de criar as condições para que se compreenda que este fenómeno não está, de modo algum, ligado nem à raça, nem a qualquer tipo de inferioridade mas, muito simplesmente, a uma situação de contacto entre duas ou várias comunidades sociais humanas, com línguas, culturas e hábitos diferentes.

A realização deste trabalho não teria sido possível sem o apoio financeiro da Cooperação Francesa, em Lwanda, que nos concedeu a bolsa que possibilitou o aprofundamento da nossa formação universitária em França, o que bastante agradecemos. Por outro lado, não podemos deixar de reconhecer o apoio complementar que nos foi proporcionado pela Embaixada da República de Angola em França.

Gostaríamos também de testemunhar, aqui, os nossos profundos e sinceros agradecimentos aos Professores Louis-Jean Calvet e Christianne Juillard pelos conselhos e orientação teórico-prática do presente trabalho.

E, a terminar, os nossos agradecimentos ao Professor Mwatha S. Ngalasso, que teve a amabilidade de ler e comentar o trabalho; de igual modo, a Sua Excelência

o Embaixador de Angola junto da UNESCO, o Sr. Domingos Van-Dúnem, pelas informações relativas ao movimento associativista em Angola.

## Signos e Abreviações

det.	Determinante
nh	A nasal palatal [ɲ]
x	A palatal surda [ʃ]
pref.	Prefixo
pron.	Pronome
K	Kimbundu
LP	Português
VA	Variante angolana
/	Fim ou início de um constituinte sintáctico
-	Separação entre o prefixo nominal e/ou prefixo de acordo, e a base
∅	Prefixo ou nominante zero
~	Diferente de



# Introdução

## I. Generalidades

A língua resultante do fenómeno de interferência que caracteriza uma situação de contacto de línguas foi, durante muito tempo, considerada como "língua mal falada". Em Angola, esse produto era bem explorado nos círculos extra-escolares e ridicularizado nos espectáculos de teatro.

Hoje em dia, graças à aparição da psicolinguística e da sociolinguística, existe uma visão mais correcta do problema, porquanto sabemos que a estrutura de uma outra língua, a primeira e/ou materna, está na base de uma construção, interpretada instintivamente como errada. Com efeito, devido ao fenómeno de adaptação constante e frequente da estrutura da língua primeira (ou materna) à da língua segunda, constata-se diversas alterações fónicas e morfossintácticas na língua segunda.

Como resultante disso, em Angola, junto de alguém que só falou kimbundu durante a idade pré-escolar, tendo por conseguinte esta língua como primeira, podemos constatar a dificuldade que a seguir descrevemos. Assim que ele escutar a palavra portuguesa [bolu], como em kimbundu o fonema /b/ não é atestado frequentemente em posição inicial a não ser nos radicais verbais, ele substituí-lo-á pela semi-nasal /mb/, que aparece, com regularidade, ao nível dos nomes. Por conseguinte, o nome português transforma-se em [mbolo] para o locutor de kimbundu. Podemos constatar neste exemplo a nasalização da consoante portuguesa e a tendência para um aumento do grau de abertura das vogais portuguesas, na medida em que [o] é realizado por [ɔ] e [u] por [o].

À semelhança do que se verifica em kimbundu, a palavra [mbɔbo], "mandioca demolhada", entra em português como [bõbo]. A análise deste exemplo permite-nos constatar que houve de um lado, a perda de nasalização do fonema /mb/ do kimbundu, que se transforma em /b/ em português<sup>2</sup>. Por outro lado, o termo em português apresenta a nasalização do fonema vocálico oral do kimbundu e, em consequência, [-ɔ] é substituído por [-õ]; constata-se de igual modo, uma alteração do grau de abertura da vogal final do kimbundu. Por conseguinte, o kimbundu [mbɔmbo] torna-se [bõbo] em português.

Estes exemplos e outros que foram fixados pelos escritores angolanos e/ou captados por nós oralmente, permitiu-nos notar que, na situação de contacto de línguas existentes em Angola, pode-se verificar junto das duas comunidades, nomeadamente a portuguesa e a angolana, uma tendência para interpretar os fenómenos pertencentes a uma estrutura linguística diferente (a da língua segunda), a partir de uma outra já conhecida, que é a da língua primeira ou materna.

## II. Objectivo, Corpus e Metodologia

### 1. Objectivo

Em Angola, o fenómeno da colonização pôs em contacto, de um lado, uma comunidade lusófona e, de outro, uma comunidade maioritária, de expressão bantu.

Do ponto de vista linguístico, pode notar-se a coexistência destes dois grupos comunitários. Mas, conve-

<sup>2</sup> O português não atesta consoantes semi-nasais.

nhamos que a utilização do português como língua veicular por Angolanos pertencendo a diferentes grupos linguísticos favoreceu a sua aprendizagem. Pode-se, contudo, constatar uma forte influência das línguas bantu no português falado pelos Angolanos, se o compararmos ao falado em Portugal.

No quadro do presente trabalho, foi nossa preocupação inventariar, a partir de um corpus reunido junto de locutores (da região de Lwanda) e de escritores angolanos, algumas interferências de origem kimbundu, que caracterizam o português desta província.

Perante a diversidade linguística existente no país e na província de Lwanda e considerando, por outro lado, a natureza do nosso trabalho – um "mémoire de maîtrise" –, a nossa atenção concentrou-se somente sobre os empréstimos do português ao kimbundu, na região de Lwanda, na medida em que a sua população é, na sua grande maioria, bilingue kimbundu/português.

Esta escolha permite-nos distanciarmo-nos do grupo de analistas que se caracteriza pela tendência de considerar somente as interferências das línguas dos colonizadores nas dos colonizados, ou as influências das línguas de grande difusão nas línguas minoritárias e quase nunca o contrário.

### 2. Corpus

O corpus que está na base do nosso trabalho foi reunido, na sua quase totalidade, a partir de análises de obras de escritores angolanos, de alguns números do "Jornal de Angola", o quotidiano oficial publicado, actualmente, na capital do país.

Convenhamos, todavia, que a língua escrita, relativamente à falada, é mais rígida e em consequência, mais

controlada, o que limitou o aprofundamento da nossa análise. Por razões alheias à nossa vontade, não nos foi possível fazer um inquérito junto de locutores da variante que foi objecto do nosso estudo. De salientar, entretanto, que por ocasião de uma estadia de curta duração em Lwanda, pudemos recolher algumas frases orais captadas no decorrer de inquéritos de observação. Lamentamos contudo, não nos ter sido possível recolher uma quantidade maior de informações orais, porquanto, na altura da recolha, e porque dispúnhamos de tempo limitado, só foi possível obter estes dados.

No que respeita ao número de itens utilizados, o nosso corpus engloba um total de oitenta e quatro palavras isoladas e setenta frases. Durante a actividade que permitiu a sua constituição, começámos, inicialmente, por juntar as palavras isoladas e depois as frases. Seguidamente, dividimos o nosso corpus em duas partes: uma primeira, englobando a análise das palavras isoladas e uma segunda, a das frases.

Analisámos, por outro lado, a estrutura formal dos empréstimos do português ao kimbundu, o que nos permitiu inventariar as interferências lexicais do kimbundu no português, assim como as alterações fonológicas e morfosintáticas que sofreram as palavras e as frases do kimbundu.

Os exemplos são apresentados numa transcrição que se desejou fonológica. Na nossa transcrição adoptámos uma ortografia baseada nos símbolos preconizados pela Associação Internacional de Fonética assim como pelo Instituto Africano Internacional. Tendo porém em linha de conta o conhecimento que muitos Angolanos têm da língua portuguesa e respectivos símbolos ortográficos, adoptámos como símbolos das palatais oral e nasal [ʃ] e [ɲ], os símbolos utilizados para a língua portuguesa, isto é, /x/ e /nh/.

Os exemplos são apresentados num mínimo de três linhas em que consideramos não só os itens tal como são pronunciados na cadeia falada, mas tentámos também segmentá-los de modo a podermos ilustrar todo o tipo de combinação por eles sofrida. O traço representa quaisquer limites no interior de um mesmo item. O contacto entre as vogais anteriores /i/ e/ou /u/ com uma vogal diferente manifesta-se na língua através de um fenómeno de consonantização, sendo por tal realizados pelas respectivas semi-vogais homorgânicas, /y-/ e /w-/.

### 3. Metodologia

Para a realização do nosso trabalho, frequentámos, em 1985, um seminário de *Linguística Africana*, dirigido, em Lwanda, por Emilio Bonvini.

No decorrer deste ano lectivo, frequentámos, na Universidade Paris V, o *Curso de Sociolinguística*, dirigido por Louis-Jean Calvet (teoria) e Christianne Juillard (práticas), assim como um *Curso de Diversidade das Estruturas Linguísticas*, dirigido por Christos Clairis.

Seguimos um curso de *Sistemática das Línguas Negro-Africanas*, dirigido por Emilio Bonvini na Escola Prática de Altos Estudos, IV<sup>a</sup> Secção; frequentámos, no LACITO, dois seminários sobre fonética e fonologia, dirigidos por investigadores daquele laboratório, bem como um seminário de *Lexicografia e Realidades Africanas*, dirigido por Jean-Pierre Caprile, no Instituto de Fonética de Paris.



*Mapa 1 – Localização de Angola na África Austral.*

## Capítulo I

### Angola: dados geolinguísticos e históricos

#### 1. Situação geográfica

Angola é um país da África austral cuja população se aproxima dos nove milhões de habitantes para um território de 1 246 700 quilómetros quadrados. O clima é húmido, caracterizando-se por duas estações distintas: uma primeira, a estação das chuvas, que vai de Setembro a Abril, e uma segunda, a estação seca, de Maio a Agosto. O país possui várias riquezas ao nível do subsolo, sendo o petróleo, a maior e mais promissora de todas.

Os países limítrofes de Angola são a República da Zâmbia a Este e a Sudeste, a República da Namíbia ao Sul, o Oceano Atlântico a Oeste, a República do Congo a Noroeste e a República Democrática do Congo ao Norte e a Leste.

Do ponto de vista administrativo, o país está dividido em dezoito províncias, nomeadamente, Kabinda, Zaire, Wije, Bengu, Lwanda (a capital), Malanje, Kwanza Norte, Kwanza Sul, Lunda Norte, Lunda Sul, Muxiku, Viyé, Bengela, Wambu, Wila, Kunene, Kwandu Kubangu e Namibe.

O país tem uma taxa de crescimento populacional de 21% e uma taxa de mortalidade infantil actualmente muito elevada.

### 1.1 Alguns Dados Históricos

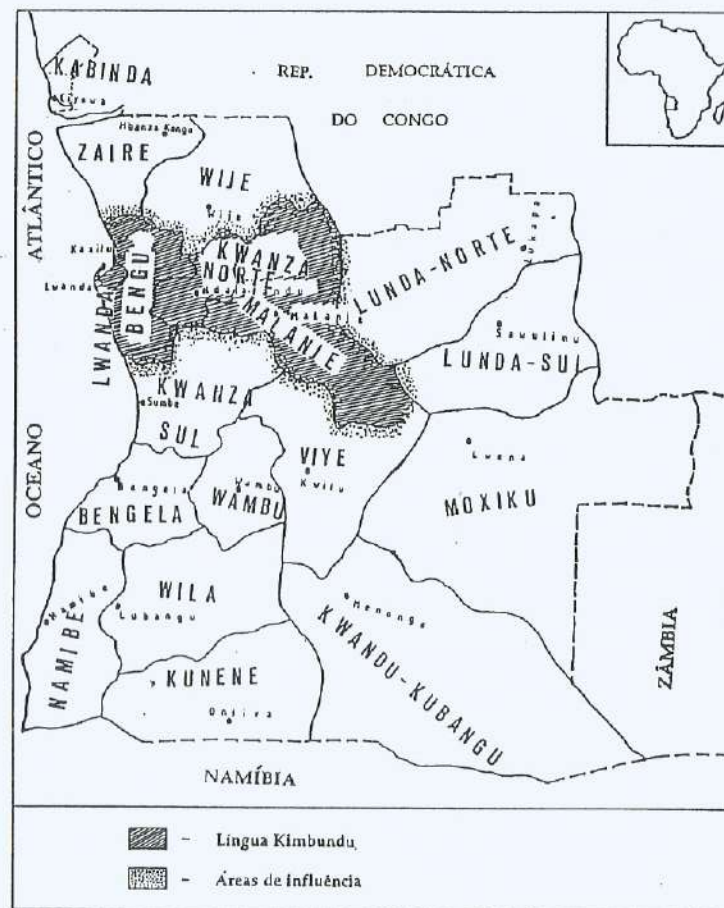
A actual República de Angola resultou de um conjunto de antigos reinos africanos, reunidos em fronteiras não naturais criadas e ratificadas pela Conferência de Berlim, realizada nos anos 85 do século passado. Como resultado dessa mesma Conferência, o nosso país foi reconhecido como sendo uma colónia, tendo sido por tal atribuída por direito aos Portugueses, que, inicialmente, se limitaram a fixar-se no litoral e a reforçar as hostilidades existentes entre os diferentes chefes locais.

Contudo, forçados pelas decisões finais da Conferência de Berlim relativas à ocupação territorial para o reconhecimento do direito à colónia, os colonialistas portugueses desencadearam as célebres “Guerras de Ocupação” que foram, na prática, verdadeiros massacres. A sua proveniência de uma sociedade, num estado de desenvolvimento tecnológico mais avançado, permitiu-lhes imporem-se aos Angolanos.

Entretanto, a resistência do povo angolano foi tal, que, apesar da sua presença no território desde o século XV, somente em 1926, puderam os colonialistas portugueses dominar totalmente o país. De salientar, contudo, que os Angolanos reagiram e, após uma luta de libertação, desencadeada no dia 4 de Fevereiro de 1961, o país adquiriu, finalmente a sua Independência, no dia 11 de Novembro de 1975.

## 2. Situação Linguística

No que respeita à situação linguística, pode-se avançar que Angola é um país plurilingue, porque ele integra línguas estruturalmente muito diferentes umas das outras. Na realidade, existem, no país, línguas pertencendo à



Mapa 2 - Limites fronteiriços da língua kimbundu.

família linguística bantu como o umbundu, o kimbundu, o cokwe, o kikongo (variantes), o helelo, o oxindonga, o oxiwambo, o ngangela e o nhaneka; e línguas não bantu como o khoisan e o vatwa. A estas línguas junta-se o português, a partir do século XVI e que é actualmente, a única língua oficial angolana.

Contudo, tendo em conta a especificidade do fenómeno colonial, as diferentes línguas locais desenvolveram-se separadamente porque, durante a época colonial, era proibido aos "Assimilados"<sup>3</sup> e respectivas famílias falar outra língua, à excepção da portuguesa. É assim que, do ponto de vista linguístico, o país assemelhava-se a um arquipélago, onde cada uma das línguas representava uma ilha.

Na realidade, o bom conhecimento da língua portuguesa era a condição mais importante para aceder a qualquer posição de destaque na sociedade colonial. E "falar bem português" significava dominar a sua estrutura, de modo a estar à vontade nela, a fim de evitar interferências.

Pensamos que o estudo descritivo das línguas locais representava uma ameaça para o governo colonialista português, porquanto ele poderia contribuir para uma acção conjunta dos colonizados. Assim, é fácil compreender o porquê da promulgação de leis e artigos como os que seguem :

"... Artigo 2.º ... nas escolas católicas, é proibido ensinar as línguas indígenas";

...  
"... Artigo 3.º... a utilização das línguas indígenas no catecismo não é permitida a não ser como auxiliar

<sup>3</sup> Cf. *Infra*, pág. 40.

durante o período de ensino elementar da língua portuguesa";

...

§ 1. É proibido o emprego das línguas indígenas ou qualquer outra língua, à excepção do português, por escrito ou por panfleto, jornal,... na catequese das missões, nas escolas e em todas os contactos com as populações locais..."<sup>4</sup>.

É interessante constatar que, ao mesmo tempo que os Portugueses queriam forçar os Angolanos a absorver a sua cultura, eles reprimiam-nos, não lhes permitindo um conhecimento profundo da cultura portuguesa. Por isso, somente uma minoria, pouco significativa da população angolana, pôde aceder aos estudos universitários; daí o terreno fértil para o aparecimento das interferências que estudaremos na última parte do nosso trabalho.

<sup>4</sup> Cf. Norton de Matos, 1921.

## Capítulo II

### As línguas em contacto

#### 1. O kimbundu

Como já o dissemos, Angola é um país multilingue. O kimbundu é uma das diversas línguas bantu que são faladas pelas populações angolanas, mais precisamente na capital, Lwanda, nas províncias de Malanje, Kwanza Norte, Bengu, nas zonas fronteiriças ao Sul das províncias de Wije e do Zaire, assim como nas ao Norte da província do Kwanza Sul.

No que respeita ao número de locutores das línguas locais, é de sublinhar que o kimbundu é falado por cerca de 1 500 000 de locutores, ocupando por este motivo, o segundo lugar, após o umbundu, maioritário, cujos locutores atingem um total de 2 500 000.<sup>5</sup>

Do ponto de vista étnico, o kimbundu é a língua dos Ambundu que, por motivos de sobrevivência, tiveram que abandonar o campo para se fixarem na cidade. Tendo em conta a classificação das línguas bantu, apresentada por Malcolm Guthrie, o kimbundu pertence à zona H 20.<sup>6</sup>

Héli Chatelain foi o primeiro linguista a interessar-se pelo kimbundu. Ele publicou, em 1888, a "Gramática Elementar do kimbundu ou Língua de Angola" e, seis anos mais tarde, os "Folk Tales of Angola".

<sup>5</sup> De acordo com o censo populacional de 1987.

<sup>6</sup> Cf. Malcolm Guthrie, 1948, pág. 50.



A primeira obra referente ao kimbundu é a "Arte da Língua de Angola", escrita por Pedro Dias, em 1697. O Angolano António de Assis Júnior também se interessou pelo kimbundu. Embora não sendo linguista, publicou um dicionário desta língua.

A fim de melhor se poder compreender as interferências verificadas, apresentaremos quadros fonéticos relativos aos sons vocálicos e consonânticos do kimbundu<sup>7</sup>, assim como do português.

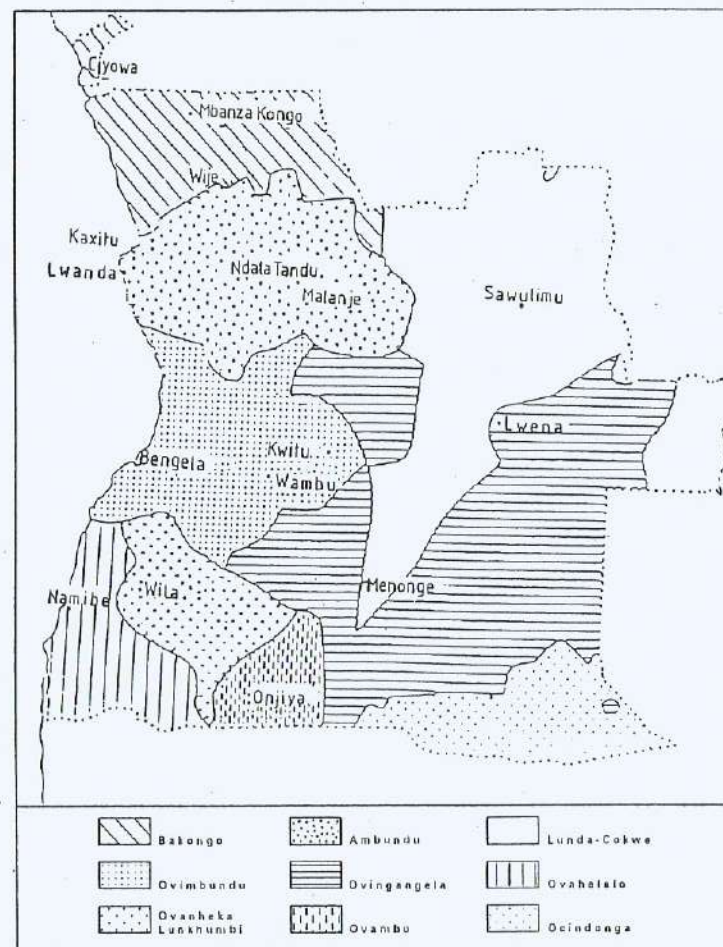
O kimbundu tem cinco vogais (duas anteriores, duas posteriores e uma central), com quatro graus de abertura. Esta língua não apresenta nenhuma vogal nasal. Interessa, entretanto, sublinhar que as vogais que se-guem uma consoante pré-nasal realizam-se nasalizadas, quando pronunciadas por locutores da variante.

As consoantes comportam sete séries, nomeadamente: labial, dental, pré-palatal, palatal, apical, velar e glotal.

### 1.1. Vogais

	Anter.	Central	Post.
1.º grau	[i]		[u]
2.º grau	[e]		[o]
3.º grau	[ɛ]		[ɔ]
4.º grau		[a]	

<sup>7</sup> Nós inspiramo-nos nas descrições fonológicas apresentadas pelo Instituto Nacional de Línguas (1980) e por Domingos José PEDRO (1987).



Mapa 3 - Carta etnográfica de Angola.

## 1.2. Consoantes

		Bilabial	Lábio-dental	Alveolar	Pre-palatal	Palatal	Vela	Glotal
Orais	Fortes (surdas)	[p]	[f]	[t]	[s]	[ç]	[k]	[h]
	Fracas (sonoras)	[b/β]	[v]	[d]	[z]	[ʒ]		
Nasais	Fortes (nasais)	[m]		[n]		[ɲ]		
	Fracas (pré-nasais)	[mb]	[ɱv]	[nd]	[nz]	[ɲg]		
Contínuas				[l]		[y]	[w]	

## 2. O português

O português era a única língua oficial da colónia portuguesa de Angola. É uma língua que pertence à família indo-europeia e é falada em cinco continentes a saber: na Europa (em Portugal); em África (nas ilhas de Cabo Verde, em São Tomé e Príncipe, em Angola e em Moçambique); na Ásia (em Macau e na Índia); na Oceania (em Timor) e na América (no Brasil).

Podem-se distinguir diversas variedades do português e numerosos dialectos, tais como: o galego, os dialectos portugueses setentrionais e os dialectos portugueses Centro-Meridionais. No que respeita às variantes, assinalamos, em particular, o português do Brasil, na medida em que uma parte apreciável dos escravos que foram levados para o Brasil, era de origem angolana.

De salientar entretanto que, apesar da existência dessas variedades linguísticas, o português pôde:

“... manter até hoje apreciável coesão entre as suas variedades, por mais afastadas que se encontrem no espaço”<sup>8</sup>

Uma excepção, contudo, os crioulos formados, possivelmente, sobre o “Proto Crioulo ou Língua Franca” que serviu de meio de comunicação entre as populações locais e os navegadores, comerciantes e missionários portugueses, e cujas variantes estão actualmente tão desenvolvidas que, “... mais do que como Dialectos, os crioulos devem ser considerados como Línguas derivadas do português”.<sup>9</sup>

Língua internacional, o português disfruta de um estatuto oficial privilegiado nas antigas colónias portuguesas, inclusive em Angola. Com efeito, é a única língua oficial da Angola independente. Apresentamos, seguidamente, os quadros fonéticos do português.<sup>10</sup>

### 2.1 As vogais

O português, ao contrário do kimbundu, comporta vogais orais, que se subdividem em tónicas e átonas e vogais nasais. Como o kimbundu só tem vogais orais, os nossos quadros só considerarão as vogais portuguesas subdivididas em orais e nasais. O kimbundu atesta a existência de tons. Pensamos porém que o seu estudo não é relevante para a nossa análise.

<sup>8</sup> Cf. Celso CUNHA e Lindley CINTRA, 1984, pág. 10.

<sup>9</sup> Ibidem, pág. 23.

<sup>10</sup> Ibidem, págs. 36-45.

a) Orais

	Anter.	Central	Post.
1.º grau	[i]		[u]
2.º grau	[e]	[α]	[o]
3.º grau	[ɛ]		[ɔ]
4.º grau		[a]	

b) Nasais

	Anter.	Central	Post.
1.º grau	[ĩ]		[ũ]
2.º grau	[ê]	[ã]	[õ]

2.2 Consoantes

Orais						Nasais
Não-contínuas		Contínuas				Não-contínuas
[p]	[b]					[m]
		[f]	[v]			
[t]	[d]	[s]	[z]			
				[l]	[r]	[n]
		[ʃ]	[ʒ]	[λ]		[ɲ]
[k]	[g]				[R]	

Ao analisar os quadros apresentados acima, é-nos fácil constatar que as vogais orais do português comportam quatro graus de abertura como as do kimbundu, mas com duas vogais centrais e não uma bem como a existência de uma oposição entre vogais orais e nasais. Esta constatação parece-nos importante para a análise das interferências que provêm do contacto entre o português e o kimbundu. Nota-se, por outro lado, a ausência de consoantes pré-nasais, característica das línguas bantu e, obviamente, do kimbundu. É interessante verificar como estas diferenças foram ultrapassadas pelos locutores da variante.

## Capítulo III

### Uma abordagem sociolinguística

#### 1. Generalidades

“... il est impossible de comprendre la progression d'un changement dans une langue hors de la vie social de la communauté où il se produit”<sup>11</sup>

Nós aproveitamos esta afirmação para iniciar a análise do que chamamos “uma abordagem sociolinguística”. Na realidade, o nosso estudo vai centrar-se sobre as interferências provenientes do contacto entre duas sociedades, nomeadamente, uma comunidade de origem europeia, falando uma língua neolatina, o português e, uma outra, de origem africana, falando uma língua bantu, o kimbundu. Estas línguas, como nós pudemos constatar, apresentam algumas diferenças linguísticas importantes, que estão na base de muitas alterações morfofonológicas e morfossintáticas que caracterizam o português de Angola relativamente ao de Portugal.

As mudanças constatadas no nosso estudo só são possíveis num contexto específico, como o de um contacto

---

<sup>11</sup> “... É impossível compreender-se a progressão da mudança numa língua sem que se tenha em conta a vida social da comunidade onde essa mudança se verifica”. Cf. William LABOV, 1976, pág. 47.

de línguas e culturas diferentes, numa relação precisa, que é a caracterizada por uma situação colonial.

Porém, não seria possível fazer uma análise do fenómeno do contacto entre o kimbundu e o português, sem se ter, previamente, uma ideia do caminho percorrido por cada uma das duas línguas, com base nas respectivas comunidades que as falam.

No que respeita ao desenvolvimento da sociedade angolana, pensamos que ser-nos-á necessário distinguir dois períodos diferentes, mas muito importantes: o período colonial e o período pós-colonial.

## 2. O Período Colonial

### 2.1 Organização social

Do ponto de vista organizacional, a sociedade colonial estava dividida em dois grupos principais, a saber: os Portugueses e os Angolanos. Estes grupos eram, por sua vez, subdivididos. No que respeita aos Portugueses, eles estavam divididos em duas categorias: *colonialistas* ou agentes da metrópole colonizadora e *colonos* ou instrumentos da colonização. Quanto aos Angolanos, eles estavam divididos em "Assimilados" e "Indígenas".

Durante uma grande parte desse período, a cidade esteve dividida em três zonas habitacionais que tinham a costa como centro. Ao longo da costa ou centro, habitavam os *colonialistas*; na segunda zona, ou a zona dos bairros arenosos, concentravam-se os *colonos* e uma parte dos "Assimilados" e nos arredores (musseques), a esmagadora maioria dos "Assimilados" e "Indígenas".

### 2.1.1 Os Portugueses

A colonização de Angola tinha como característica não somente a exploração mas também e principalmente, o povoamento, o que conferiu uma especificidade muito particular ao fenómeno colonial em Angola. Assim, este tipo de colonização pode ser entendido como tendo por objectivo uma tentativa não só de "substituição" dos autóctones por outros recursos humanos, melhor preparados para ajudar os colonialistas na prossecução dos seus objectivos, como também, das suas culturas, instituições e economia através da introdução de um novo género de instituições, economia, cultura, língua, enfim.

Chegados em grupos numerosos, os colonos e os colonialistas portugueses concentraram-se ao longo da costa e progrediram em direcção ao centro e centro-sul do país. No seu esforço de consolidar a sua posição na colónia, foram organizados como um conjunto à parte, distinto da maioria angolana, tendo em conta a ajuda que eles recebiam das autoridades coloniais.

Sendo na sua quase maioria proscritos e condenados, rejeitados pelos seus, uma parte dos colonos misturou-se com a população autóctone daí a percentagem muito elevada de mestiços em Angola.

Com o decorrer do tempo, o número de Portugueses nascidos em Angola começou a superar o dos nascidos em Portugal. Assim, os colonialistas decidiram fazer a diferença entre eles pelo que, eram *Portugueses ou brancos de primeira* os nascidos em Portugal e *de segunda*, os nascidos em Angola. Aos primeiros era concedida prioridade de ajuda económica bem como de acesso a cargos de alta chefia na colónia.

### 2.1.2 Os Angolanos

Para melhor se imporem à maioria dos Angolanos, que sentiam hostis à sua presença, os Portugueses decidiram criar um grupo de apoio entre os autótones. Para o efeito, os Angolanos foram divididos, como já o afirmámos, em dois subgrupos. O primeiro era formado pelos "Assimilados", cujos filhos tinham o direito de frequentar a escola conjuntamente com as crianças portuguesas, bem como à nacionalidade portuguesa.

Na realidade, podemos afirmar que existiram dois grupos de "Assimilados", a saber os *passivos* e os *activos*. Os primeiros eram alienados, não assumindo a sua cultura, o seu povo, a sua história nem a sua condição de seres humanos. Eram o que os colonialistas designavam como "negros diferentes", "negros que não eram como os outros, porque tinham a pele negra mas a sua alma era branca".

Os segundos eram aqueles que se apropriaram de tudo o que lhes foi possível aprender, com o objectivo de libertar o seu povo e país da dominação colonial portuguesa. Para o efeito, utilizaram a língua do colonizador para denunciar o colonialismo português através de jornais como o fizeram Paixão Franco, Aníbal de Melo; através da poesia militante e revolucionária, casos de Viriato da Cruz, Agostinho Neto, Mário António e Mário de Andrade, entre outros ou ainda, por intermédio de actividades políticas como as que deram origem ao "Processo dos Cinquenta".<sup>12</sup> Importa contudo salientar que uma parte dos descendentes de Portugueses, nascidos em Angola,

<sup>12</sup> Prisão e julgamento, pelo tribunal militar português, de um grupo de patriotas angolanos, que foram, em seguida, deportados para as ilhas de Cabo Verde.

apoiou esta atitude de revolta ao integrar-se nessas mesmas actividades políticas.

O segundo subgrupo, o dos "Indígenas", era assim definido:

"... Art. 2º Consideram-se indígenas das referidas províncias (Guiné, Angola e Moçambique eram, na época, consideradas províncias portuguesas)<sup>13</sup> os indivíduos de raça negra ou os seus descendentes que, tendo nascido ou vivendo habitualmente nelas, não possuam ainda a ilustração e os hábitos individuais e sociais pressupostos para a integral aplicação do direito público e privado dos cidadãos portugueses.

§ único. Consideram-se igualmente indígenas os indivíduos nascidos de pai ou mãe indígena em local estranho às Províncias, para onde os pais se tenham temporariamente deslocado".<sup>14</sup>

Durante essa época, os "Indígenas" estavam sujeitos ao pagamento de um imposto anual. Poderiam contudo, adquirir o estatuto de "Assimilados" após um exame feito pelo administrador do bairro. Nesse exame, o Angolano deveria demonstrar saber falar correctamente a língua portuguesa e mostrar que tinha adquirido, no mínimo, a ilustração e os hábitos individuais e sociais dos cidadãos portugueses, em especial, comer à mesa.

Com o desencadear da luta de libertação e de várias pressões internacionais, deixou de ser necessário a indivíduos de raça negra ou aos seus descendentes qualquer tipo de formação ou hábitos individuais e sociais para que adquirissem o estatuto de "Assimilado" e, consequentemente, a nacionalidade portuguesa.

<sup>13</sup> O parêntesis é nosso.

<sup>14</sup> Cf. A.A.V.V., 1954, Decreto-Lei N.º 39 666.

## 2.2 O Ensino

A política portuguesa de ensino teve como objectivo a imposição da língua portuguesa em detrimento das línguas locais. Consequentemente, o ensino era feito em português. A aplicação prática deste tipo de política linguística foi apoiada por uma vigilância cada vez mais acentuada da polícia política portuguesa, a famosa PIDE, que via na utilização de qualquer uma das línguas locais, ou mesmo de vestuários locais pelos "Assimilados", atitudes subversivas.

Na escola primária, a única língua ensinada era o português, à excepção das escolas dirigidas por missionários, onde a língua local podia ser usada como meio de ajuda para facilitar a aprendizagem do português. O ensino secundário estava dividido em três ciclos: um primeiro de dois anos, um segundo de três anos e um terceiro de dois anos, após o qual se obtinha o diploma do curso geral dos liceus com acesso à Universidade.

A língua portuguesa era ensinada durante os cinco primeiros anos para os que escolhiam o grupo de ciências e por um período de sete anos para os que escolhessem o grupo de letras.

No liceu, aprendia-se o francês do primeiro ao quinto ano de estudos; se se tivesse como objectivo uma formação universitária em filologia românica, era necessário continuar a estudar o francês pelos dois anos que precediam a obtenção do diploma do curso geral dos liceus.

Os que tencionavam formar-se em filologia germânica deviam estudar inglês (cujas aprendizagens eram obrigatórias a partir do terceiro ano de estudos) e o alemão, durante os dois últimos anos. Por estes dados, pode-se ver, claramente, como os Angolanos tinham a possibilidade de mais facilmente conhecer uma língua estran-

geira do que uma local. O ensino não era nem gratuito nem obrigatório, o que dificultou o acesso da maioria dos Angolanos à escola, na medida em que eles pertenciam a famílias muito modestas.

Tendo em conta que o "... facto de que numa situação bilingue, uma das línguas possa ser utilizada no sistema escolar é de uma importância capital para a compreensão e avaliação da sua influência"<sup>15</sup>, é muito fácil compreender-se a razão pela qual o português beneficiou do estatuto de "língua de prestígio", relativamente às línguas locais. Este estatuto era um estatuto de facto, pelo que o português tornou-se a língua cada vez mais falada em Angola.

## 2.3 A situação linguística

Neste período, a única língua que os Angolanos deviam e podiam aprender e dominar, ao nível das escolas estatais, era o português. Eles não podiam aceder a um posto administrativo ou de responsabilidade sem serem "Assimilados". Se o filho de um "Assimilado" falasse kimbundu na escola, os seus pais teriam, seguramente, problemas com a polícia política portuguesa.

De sublinhar contudo, que a repartição funcional das línguas em contacto simbolizava as divisões sociais. Com efeito, a cada grupo social correspondia um nível linguístico: monolingüismo minoritário (português) para os Portugueses; monolingüismo maioritário (kimbundu) para os "Indígenas"; bilingüismo para os "Assimilados", bilingüismo kimbundu/português. Assim, nessa época, podia-se apresentar a cidade de Lwanda, como segue:

<sup>15</sup> Cf. Uriel Weinreich, 1974, pág. 88.

## 2.2 O Ensino

A política portuguesa de ensino teve como objectivo a imposição da língua portuguesa em detrimento das línguas locais. Consequentemente, o ensino era feito em português. A aplicação prática deste tipo de política linguística foi apoiada por uma vigilância cada vez mais acentuada da polícia política portuguesa, a famosa PIDE, que via na utilização de qualquer uma das línguas locais, ou mesmo de vestuários locais pelos "Assimilados", atitudes subversivas.

Na escola primária, a única língua ensinada era o português, à excepção das escolas dirigidas por missionários, onde a língua local podia ser usada como meio de ajuda para facilitar a aprendizagem do português. O ensino secundário estava dividido em três ciclos: um primeiro de dois anos, um segundo de três anos e um terceiro de dois anos, após o qual se obtinha o diploma do curso geral dos liceus com acesso à Universidade.

A língua portuguesa era ensinada durante os cinco primeiros anos para os que escolhiam o grupo de ciências e por um período de sete anos para os que escolhessem o grupo de letras.

No liceu, aprendia-se o francês do primeiro ao quinto ano de estudos; se se tivesse como objectivo uma formação universitária em filologia românica, era necessário continuar a estudar o francês pelos dois anos que precediam a obtenção do diploma do curso geral dos liceus.

Os que tencionavam formar-se em filologia germânica deviam estudar inglês (cujas aprendizagens eram obrigatórias a partir do terceiro ano de estudos) e o alemão, durante os dois últimos anos. Por estes dados, pode-se ver, claramente, como os Angolanos tinham a possibilidade de mais facilmente conhecer uma língua estran-

geira do que uma local. O ensino não era nem gratuito nem obrigatório, o que dificultou o acesso da maioria dos Angolanos à escola, na medida em que eles pertenciam a famílias muito modestas.

Tendo em conta que o "... facto de que numa situação bilingue, uma das línguas possa ser utilizada no sistema escolar é de uma importância capital para a compreensão e avaliação da sua influência"<sup>15</sup>, é muito fácil compreender-se a razão pela qual o português beneficiou do estatuto de "língua de prestígio", relativamente às línguas locais. Este estatuto era um estatuto de facto, pelo que o português tornou-se a língua cada vez mais falada em Angola.

## 2.3 A situação linguística

Neste período, a única língua que os Angolanos deviam e podiam aprender e dominar, ao nível das escolas estatais, era o português. Eles não podiam aceder a um posto administrativo ou de responsabilidade sem serem "Assimilados". Se o filho de um "Assimilado" falasse kimbundu na escola, os seus pais teriam, seguramente, problemas com a polícia política portuguesa.

De sublinhar contudo, que a repartição funcional das línguas em contacto simbolizava as divisões sociais. Com efeito, a cada grupo social correspondia um nível linguístico: monolingüismo minoritário (português) para os Portugueses; monolingüismo maioritário (kimbundu) para os "Indígenas"; bilingüismo para os "Assimilados", bilingüismo kimbundu/português. Assim, nessa época, podia-se apresentar a cidade de Lwanda, como segue:

<sup>15</sup> Cf. Uriel Weinreich, 1974, pág. 88.





Figura 1

Monolingüismo A (kimbundu)



Figura 2

Bilingüismo (kimbundu/português)



Figura 3

Monolingüismo B (português)

Entretanto, devido à especificidade da colonização de Angola, caracterizada pelo povoamento, os Portugueses começaram a substituir os elementos autóctones pelos estrangeiros. Esta decisão, ligada por um lado, à situação de prestígio da língua portuguesa na colónia (língua de ensino, a única língua utilizada pelos media, a "língua", relativamente às línguas locais que não passavam de "dialectos") e, por outro, à utilização do "português" (o português falado pela maioria dos Angolanos) como elemento de ridicularização em peças de teatro, levou a que os "Assimilados", na sua quase totalidade, fossem os primeiros a contribuir para a concretização da política linguística dos colonizadores: *eles evitavam falar a sua língua materna e proibiam mesmo os seus filhos de o fazer.*

É assim que, a partir dos anos 25/30, os filhos dos "Assimilados" começaram a ter o português como língua primeira. Contudo os pais, sendo bilingues (kimbundu/português), lhes transmitiram muitas interferências. Por outro lado, importa sublinhar que uma grande maioria dos autóctones morava nos "musseques", bairros periféricos onde a língua veicular era o kimbundu. De salientar por outro lado que, mesmo os Portugueses que moravam na periferia (comerciantes na sua quase totalidade), eram, eles também, bilingues português/kimbundu.

À medida que se progredia do centro da cidade em direcção à periferia, o número de locutores monolíngues português diminuía, aumentando o número de locutores bilingues (kimbundu/português) e monolíngues kimbundu.

Tendo em conta as variantes linguísticas existentes na cidade de Lwanda, a divisão funcional das línguas locais e das línguas estrangeiras durante a época colonial é a que apresentamos nos quadros que seguem:

Quadro A - Línguas Estrangeiras

Variedade linguística	Sistema linguístico	Modo de utilização	Domínio
Línguas estrangeiras	português	oral, escrito	escola emprego igreja família administração justiça mass media literatura
	francês inglês alemão	oral, escrito	escola

Quadro B - Línguas Locais

Variedade linguística	Sistema linguístico	Modo de utilização	Domínio
Línguas locais <sup>16</sup>	kimbundu umbundu kikongo (variantes)	oral	família media actividades culturais
		oral, escrito	igreja literatura

<sup>16</sup> A luta de libertação forçou os dirigentes da colónia a preocuparem-se um pouco mais com as línguas locais, cujo número aumentou consideravelmente ao nível dos media.

Importa sublinhar que, apesar das intenções glotofágicas dos colonizadores, porquanto o kimbundu, língua primeira da maioria dos Ambundu, não era utilizada nem na escola, nem nas actividades públicas, essa língua não desapareceu e seguramente porque, como o afirmou Louis-Jean Calvet:<sup>17</sup>

“... on peut arracher beaucoup de choses à un homme on ne pourra jamais, même au nom de la langue des autres lui arracher sa propre langue avec son consentement”.

Na véspera da Independência, o resultado da repressão portuguesa sobre as línguas angolanas era um facto incontestável: o número de locutores monolíngues (kimbundu) tinha diminuído em favor dos locutores bilingues (kimbundu/português) e monolíngues (português).

Nessa época, podia-se descrever a situação relativa às línguas faladas em Lwanda pelas figuras seguintes:



Figura 1



Figura 2



Figura 3

Bilinguismo (kimbundu/português)

Monolingüismo A (português)

Monolingüismo B (kimbundu)

<sup>17</sup> “... pode-se tirar a um homem muitas coisas, não se poderá contudo nunca, nem mesmo em nome da língua de outros, tirar-lhe a sua própria língua com a sua anuência”, Louis-Jean CALVET, 1974, pág. 155.

## 2. 4 Actividades culturais

No que respeita às actividades culturais, é de relevar que a contradição inerente ao colonialismo, caracterizada por uma abertura controlada a uma formação europeia, aliada a uma ausência de contacto entre o opressor e o oprimido, salvo durante o período de trabalho, tornou possível a criação de associações, assim como a realização de actividades culturais angolanas.

É neste contexto que, em 1913, os Angolanos criaram uma associação intitulada “Grémio Africano” que, alguns anos mais tarde, foi designada “Anangola”, sintagma nominal do kimbundu significando “Filhos (ana) de Angola (Ngola)”. Em 1915, foi publicado o jornal “Liga Angolana” o qual foi interditado, em 1917, por Norton de Matos, o governador da colónia.

Em 1930, foi criada uma outra associação, a “Liga Nacional Africana”, que, após a independência, passou a chamar-se “Liga de Amizade para com os Povos”. A Liga Nacional Africana foi a promotora de muitos espectáculos em que a convidada principal era a Cultura Nacional. Mas ela também constituiu o refúgio ideal, para muitas reuniões de carácter político, porquanto as autoridades coloniais não a controlavam muito.

A criação de associações, a realização de actividades culturais (representações teatrais e espectáculos musicais traduzindo a não aceitação da situação de exploração), bem como o número de locutores são no seu conjunto, elementos indispensáveis à defesa e manutenção de uma língua e da identidade de qualquer povo sob dominação.

No que diz respeito aos Ambundu, as duas primeiras condições, aliadas a cerca de quatrocentos mil locutores, permitiram que a sua língua pudesse coexistir, durante vários séculos com o português, sem se criouliizar.

O kimbundu foi mesmo capaz de influenciar o português, e isso mantendo uma certa rigidez de estruturas, o que não aconteceu ao português, na grande maioria dos casos.

Isto não é estranho, se tivermos em linha de conta a afirmação de Weinreich,<sup>18</sup> ao defender que a língua aprendida em primeiro lugar (a língua materna ou primeira) resiste melhor à interferência. É que, na realidade, o contacto entre duas línguas favorece a introdução de elementos de uma das línguas na outra, o que não pode senão modificar a segunda, nomeadamente, o português.

### 3. O Período Pós-Colonial

O segundo período é caracterizado pela opção política do Governo angolano de criar as condições objectivas para que as línguas locais tivessem o mesmo estatuto que a portuguesa. Assim, foi criada uma organização especializada, o Instituto Nacional de Línguas, encarregada de fazer investigações sobre a situação linguística do país, no respeitante às línguas locais. Criado em 1979, o Instituto Nacional de Línguas torna-se Instituto de Línguas Nacionais, em 1983.

Os investigadores dessa organização, inicialmente dirigida pela linguista angolana Celeste Kounta, trabalharam com a colaboração de peritos estrangeiros e chegaram à conclusão que o país englobava línguas bantu e não-bantu (o Instituto de Investigação Científica de Angola tinha também chegado a esta conclusão, em 1970).

Do seu inventário, ficou claro que as línguas locais são: o kimbundu, o cokwe (também faladas na República

<sup>18</sup> Cf. Uriel Weinreich, op. cit., pág. 88.

Democrática do Congo), o kikongo (falado igualmente nas duas Repúblicas congolenses), o mbunda (do grupo ngangela, falado de igual modo na República da Zâmbia), o oxiwambo (falado na República da Namíbia), o helelo, o khoisan e o vatwa.

Tendo em conta o número de locutores, admitiu-se a existência de sete línguas bantu maioritárias. Estas línguas tinham, segundo os peritos, sofrido um processo de dialectalização muito grande. Havendo necessidade de estudar essas línguas, os investigadores do Instituto Nacional de Línguas fizeram a descrição científica de algumas das línguas maioritárias pertencendo ao grupo bantu.

Eles apresentaram, seguidamente, propostas de alfabetos para seis das dez línguas locais maioritárias, os quais foram, provisoriamente, aprovados pela resolução N.º 3/87 do Conselho de Ministros, publicada no "Diário da República" de Maio de 1987.

Tendo apreciado o relatório dos peritos, o Governo Angolano decidiu atribuir o estatuto de "Línguas Nacionais" às línguas africanas faladas no país (pensamos, contudo, que esta designação deve ser compreendida no seu sentido lato) e o de "Língua Oficial", ao português. A este propósito, parece-nos importante apresentar a posição de Mwatha Ngalasso<sup>19</sup> sobre este assunto:

"... O conceito de língua nacional, contrariamente ao que se pensa e afirma em África, não se opõe ao de língua oficial, mas ao de língua estrangeira. A primeira pertence ao património cultural de uma nação, nação-etnia ou nação-estado mas a segunda não".

E ele continua mais longe :

<sup>19</sup> Cf. Mwatha S. Ngalasso, 1987 a), pág. 120.

“... A língua nacional designa toda a língua de origem autóctone qualquer que seja a sua importância geográfica ou demográfica, quer seja maioritária ou não, e língua oficial, toda a língua nacional ou não, à qual é conferido o privilégio de servir de meio de comunicação nas instituições do Estado”.

Em 1987, a situação das línguas faladas em Angola é a seguinte :

**Quadro A – Línguas Africanas**

Variedade linguística	Sistema linguístico	Modo de utilização	Domínio
Línguas nacionais	Quase todos	oral	família actividades culturais media
		oral / escrito	igreja literatura

Durante a época colonial os missionários utilizaram as línguas locais nas suas escolas. Por este motivo, os primeiros textos escritos em línguas locais apareceram ao nível da igreja. De salientar que, actualmente, eles continuam a ser pioneiros nesse campo, pois nas escolas estatais o ensino das línguas locais continua a ser protelado.

**Quadro B – Língua Portuguesa**

Variedade linguística	Sistema linguístico	Modo de utilização	Domínio
Língua nacionalizada	português	oral / escrito	escola emprego igreja família administração justiça media literatura

**Quadro C – Línguas Estrangeiras**

Variedade linguística	Sistema linguístico	Modo de utilização	Domínio
Línguas estrangeiras	francês	oral / escrito	escola família <sup>20</sup> emprego
	inglês	oral / escrito	emprego escola
	alemão	oral / escrito	emprego
	lingala <sup>21</sup>	oral / escrito	escola família emprego

<sup>20</sup> A língua europeia utilizada pelas comunidades angolanas que viveram na República Democrática do Congo é o francês.

<sup>21</sup> Língua veicular da diáspora angolana que viveu na República Democrática do Congo. Uma parte desta comunidade organizou-se de modo a criar escolas e empresas onde as línguas de comunicação são o francês e o lingala.

## Capítulo IV

### As Interferências

#### 1. Generalidades

O facto do conhecimento da língua portuguesa ser obrigatório e ser a condição necessária para a promoção social criou entre os Angolanos um esforço para aprender o português. Entretanto, sendo a quase totalidade dos Angolanos analfabeta, verificou-se uma tendência grande para adaptar as estruturas das línguas bantu ao português, criando uma convergência linguística nas interacções idiomáticas que constitui a base do fenómeno de interferência.

#### 2. Interferências lexicais

O nível lexical é, sem sombra de dúvidas, o mais rico em fenómenos de interferência, se tivermos em linha de conta que ele constitui a parte menos rígida de uma língua. Os seus elementos são, por conseguinte, os mais vulneráveis ao fenómeno de interferência, numa situação de contacto de línguas. Como apresentamos, em anexo, uma lista diversificada de exemplos, limitar-nos-emos a indicar, em seguida, alguns termos do kimbundu que foram lexicalizados em português e que são utilizados em Lwanda. A lista comporta a palavra do kimbundu, a sua forma lexicalizada e a respectiva tradução em português padrão.

<i>K</i>	<i>VA</i>	<i>LP</i>
dikamba	camba	amigo
dikota	cota	alguém mais velho
imbamba	imbamba	bagagens
funji	funje	prato tradicional
ngajaja	gajaja	fruto local
mbondo	imbondeiro	imbondeiro
kusungila	sunguilar	divertir-se dançando
kabetula	cabetula	dança popular
kuxinga	xingar	insultar
kalunga	calunga	mar, morte
kambuta	cambuta	de pequeno talhe, anão
kikonha	quiconha	desmaio
mbulututu	brotuto	brotuto

## 2.1 Interferências fônicas

A análise dos elementos do kimbundu lexicalizados pela variante permitiu-nos juntá-los e constituir os vários tipos de interferência que, a seguir, discriminamos. Não nos foi fácil inventariar as interferências fônicas do kimbundu no português, na medida em que o material em nosso poder é, na sua grande maioria, escrito. Pudemos, contudo, reunir os exemplos que apresentamos na seguinte ordem: vogal central,<sup>22</sup> vogais anteriores e, em último lugar, as vogais posteriores. De salientar que a variante não atesta fenômenos de oposição tonal, característica do kimbundu.

<sup>22</sup> De notar que a vogal central do 2.º grau de abertura, inexistente em kimbundu, é utilizada por alguns locutores da variante, porém, somente em posição final.

Exemplos:

### a) Nasalização das vogais orais do kimbundu

Este fenômeno, assim como o da perda de nasalidade das consoantes semi-nasais, advém da inexistência desse tipo de consoantes em português. Deste modo, sob a influência dessa língua, a variante caracteriza-se por duas particularidades: por um lado, a consoante semi-nasal do kimbundu é oralizada e por outro, a vogal oral do kimbundu é nasalizada. Por consequência, os termos [di-ka-mba] e [ka-nzi-ka], do kimbundu, têm como correspondentes [di-kã-ba] e [kã-zi-ka], na variante, como poderemos constatar pela análise dos exemplos apresentados em seguida.

<i>K</i>	<i>VA</i>	<i>LP</i>	
[dikamba]	[kãba]	[kãba]	"amigo"
[disanga]	[sãga]	[sãga]	"bilha grande"
[kanzika]	[kãzika]	[kãzika]	"prato tradicional"
[mabanga]	[mabãga]	[mabãga]	"tipo de marisco"
[kasanda]	[kasãda]	[kasãda]	"mulher branca" <sup>23</sup>
[ndende]	[dẽdẽ]	[dẽdẽ]	"noz da palmeira"
[imbamba]	[ĩbãba]	[ĩbãba]	"bagagens"
[zimbowa]	[zĩbowa]	[zĩbowa]	"legume local"

<sup>23</sup> Este termo vem do verbo /kusanda/ "esgravatar a terra" (como as galinhas). Maneira de distinguir as mulheres portuguesas do campo que calçavam sapatos, pela primeira vez, à chegada à Angola; estas mulheres ao andarem, espalhavam a areia à semelhança das galinhas. Com o decorrer do tempo, o termo começou a ser utilizado para designar a mulher branca sem formação intelectual.

<i>K</i>	<i>VA</i>	<i>LP</i>	
[ʒĩndũŋɡu]	[ʒĩdũɡu]	[ʒĩdũɡu]	"baga/s picante/s"
[ʒĩŋɡuba]	[ʒĩɡuba]	[ʒĩɡũbɑ]	"amendoins"
[kĩmbanda]	[kĩbãda]	[kĩbãdɑ]	"curandeiro"
[mudĩŋɡi]	[murĩge]	[murĩɡ]	"bilha de água"
[mbɔmbo]	[bɔbo]	[bɔbɔ]	"mandioca demolhada"
[mbumbi]	[bũbe]	[bũb]	"hérnia testicular"
[funzi]	[fũze]	[fũz]	"prato tradicional"
[makunde]	[makũde]	[makũd]	"tipo de feijão"
[ʒĩndũŋɡu]	[ʒĩdũɡu]	[ʒĩdũɡu]	"baga/s picante/s"

b) Perda de nasalização das consoantes semi-nasais do kimbundu:

<i>K</i>	<i>VA</i>	<i>LP</i>	
[dikamba]	[kãba]	[kãbɑ]	"amigo"
[imbamba]	[ĩbãba]	[ĩbãbɑ]	"bagagens"
[mbɔmbo]	[bɔbo]	[bɔbɔ]	"mandioca demolhada"
[nzimbu]	[zĩbu]	[zĩbu]	"primeira moeda colonial"
[kimbanda]	[kĩbãda]	[kĩbãdɑ]	"curandeiro"
[kasanda]	[kasãda]	[kasãdɑ]	"mulher branca"
[ʒĩndũŋɡu]	[ʒĩdũɡu]	[ʒĩdũɡu]	"baga/s picante/s"
[makunde]	[makũde]	[makũd]	"tipo de feijão"
[ŋɡaʒaʒa]	[ɡaʒaʒa]	[ɡaʒaʒɑ]	"fruto local"
[ʒĩŋɡuba]	[ʒĩɡuba]	[ʒĩɡũbɑ]	"amendoins"
[mabanga]	[mabãga]	[mabãɡɑ]	"tipo de marisco"
[kanzika]	[kãzika]	[kãzika]	"prato tradicional"
[funzi]	[fũze]	[fũz]	"prato tradicional"
[nzimbu]	[zĩbu]	[zĩbu]	"primeira moeda colonial"

c) Mudança do grau de abertura das vogais:

<i>K</i>	<i>VA</i>	<i>LP</i>	
[dikamba]	[kãba]	[kãbɑ]	"amigo"
[mabanga]	[mabãga]	[mabãɡɑ]	"tipo de marisco"
[ŋɡɔŋɡweɲɑ]	[ɡɔŋɡweɲɑ]	[ɡɔŋɡweɲɑ]	"farinha de mandioca com açúcar e água"
[mabanga]	[mabãga]	[mabãɡɑ]	"marisco local"
[makunde]	[makũde]	[makũd]	"tipo de feijão"
[ŋɡɔŋɡweɲɑ]	[ɡɔŋɡweɲɑ]	[ɡɔŋɡweɲɑ]	"farinha de mandioca com açúcar e água"
[mbumbi]	[bũbe]	[bũb]	"hérnia testicular"
[mbɔmbo]	[bɔbo]	[bɔbɔ]	"mandioca demolhada"
[kikɔŋɡo]	[kikɔŋɡu]	[kikɔŋɡu]	"a língua falada pelos Bakongo" <sup>24</sup>
[mbɔmbo]	[bɔbo]	[bɔbɔ]	"mandioca demolhada"
[(ku)kɔfila]	[kɔjilare]	[kujilar]	"dormitar"
[kudibɔta]	[kuribɔtare]	[kuribɔtar]	"coscuvilhar"

Verifica-se, igualmente, na lexicalização de itens do kimbundu, a substituição da dental /d/ (precedendo a vogal anterior /i/), pela vibrante /r/:

<sup>24</sup> Grupo etnolinguístico que integrava os habitantes, do reino do Kongo, e os dos reinos ligados a ele.

<i>LP</i>	<i>VA</i>	
ku <u>di</u> bota	cu <u>ri</u> botar	"maldizer"
ma <u>di</u> mbondu	ma <u>ri</u> mbondo	"insectos cuja picadela é dolorosa"
mu <u>di</u> ngi	mu <u>ri</u> ngue	"recipiente largo"
mu <u>tu</u> di	mu <u>tu</u> ri	"viúva"

A interferência do kimbundu manifesta-se, de igual modo, ao nível de palavras portuguesas utilizadas pelos locutores da variante. Com efeito, constata-se nos últimos, um tipo de interferência da língua kimbundu que pode ser notada na lexicalização da vogal central átona [ə] dos itens portugueses.

Em kimbundu, essa vogal é inexistente pois a língua só atesta as vogais [e] e [ɛ] e, em distribuição complementar. Assim, a primeira aparece em posição final e a segunda em posição inicial ou média. Por tal, sempre que um locutor da variante tem de pronunciar uma palavra que tenha as vogais central [ə] e a anterior [e] em posição inicial ou média, são substituídas por [ɛ].

Exemplos:

<i>LP</i>	<i>VA</i>	
[d <u>ɛ</u> du]	[d <u>ɛ</u> du]	"dedo"
[v <u>ɛ</u> tu]	[v <u>ɛ</u> tu]	"vento"
[m <u>ɛ</u> tad]	[m <u>ɛ</u> tade]	"metade"
[m <u>ɛ</u> dir]	[m <u>ɛ</u> dire]	"medir"
[p <u>ɛ</u> skar]	[p <u>ɛ</u> skare]	"pescar"
[d <u>ɛ</u> sp <u>ɛ</u> dir]	[d <u>ɛ</u> sp <u>ɛ</u> dire]	"despedir"

Porém, se a vogal [ə] aparecer em posição final, é substituída por [e], como se pode notar nos exemplos:

<i>LP</i>	<i>VA</i>	
[m <u>ɛ</u> tad]	[m <u>ɛ</u> tade]	"metade"
[p <u>ɛ</u> d]	[p <u>ɛ</u> d <u>ɛ</u> ]	"pede"
[p <u>ɛ</u> d <u>ɛ</u> t]	[p <u>ɛ</u> d <u>ɛ</u> t <u>ɛ</u> ]	"pedinte"
[verd]	[verd <u>ɛ</u> ]	"verde"

Situação idêntica verifica-se com as vogais posteriores [-ɔ] e [o]. A primeira aparece em posição inicial ou média; a segunda em posição final. Daí os exemplos que se seguem:

<i>LP</i>	<i>VA</i>	
[ <u>ɔ</u> rel <u>ɔ</u> ]	[ <u>ɔ</u> rel <u>ɔ</u> ]	"orelha"
[ <u>ɔ</u> sord <u>ɔ</u> ]	[ <u>ɔ</u> sord <u>ɛ</u> ]	"açorda"

No que respeita à vogal central [-a], de igual modo inexistente em kimbundu, é sempre representada por [-a] pela maior parte dos locutores da variante, embora existam casos em que ela é utilizada em posição final.

Exemplos :

<i>LP</i>	<i>VA</i>	
[d <u>ɛ</u> sk <u>ɛ</u> kar]	[d <u>ɛ</u> sk <u>ɛ</u> kare]	"descascar"
[kaz <u>ɛ</u> ]	[kaz <u>ɛ</u> ]	"casa"
[k <u>ɛ</u> tar]	[k <u>ɛ</u> tare]	"cantar"

Por outro lado, a inexistência de ditongos bem como de sílabas fechadas em kimbundu leva os locutores da variante a substituírem os ditongos portugueses por vogais simples e a incluírem vogais epetênticas e/ou paragógicas nos itens portugueses, como podemos verificar nos exemplos apresentados abaixo:



1.

[bɔjɾa]	[bɛɾa] <sup>26</sup>	"beira"
[pɔj]	[pɛjɛ]	"peixe"
[sɔj]	[sɛjɛ]	"seis"
[maj]	[majɛ]	"mais"
[paj]	[paɛ]	"pais"
[doj]	[dɔjɛ]	"dois"
[dɔpɔj]	[depɔjɛ]	"depois"

2.

[asordα]	[asɔɾɛda]	"açorda"
[bɔber]	[beberɛ]	"beber"
[dɔfkaɾkar]	[deɾkaɾkare]	"descascar"
[maj]	[majɛ]	"mais"

### 3. Interferências morfossintáticas

#### 3.1 Generalidades

Menos afectada pelas interferências, embora tivéssemos podido constatar algumas, esta parte do nosso trabalho é a mais complexa. O kimbundu, como aliás todas as línguas bantu, é uma língua em que os nominais estão organizados em classes, representadas por grupos paritários de prefixos, o que não acontece em português. Daí os fenómenos de interferência que se seguem.

<sup>26</sup> Alguns Angolanos, num esforço de falar "bem" a língua portuguesa, começaram a tentar fechar as vogais, normalmente abertas. Assim, em vez de [bɛɾa] ou [pɛjɛ], pronunciam [bera] e [pej].

É o que se pode qualificar de "desvio da norma", o que se verifica quando um locutor de kimbundu, com um conhecimento imperfeito da língua portuguesa, em vez de dizer:

a) Doem-me os pés      b) Vigia as crianças  
diz:

Os pés me dói      Vigia as criançaø

#### 3.2 Os acordos (de número e/ou de género)

##### i. O número

Pela análise dos exemplos é fácil constatar a ausência de acordo de número entre os actualizadores (os artigos definidos) e os nomes. Com efeito, para o locutor de kimbundu, a marca do plural (o morfema /s/ em português) acrescentado ao actualizador, é suficiente para indicar a pluralização do nome; é que a flexão dos nomes nas línguas bantu opera-se através da mudança do nominante prefixado à base do nominal e não sufixado, como em português.

Como exemplificação do que atrás dissemos, apresentamos abaixo alguns dados relativos à formação do plural nas duas línguas:

## Kimbundu

<i>Classes</i>	<i>Nominante</i>	<i>Base nominal</i>	<i>Nome</i>
1	mu	-thu	muthu "homem/mulher"
2	a-	-thu	athu "homens/mulheres"
7	ki	-nama	kinama "pé"
		-lumba	kilumba "rapariga"
8	i-	-nama	inama "pés"
		-lumba	ilumba "raparigas"

## Português

No que respeita ao português, para a classificação de um nome, ao contrário do que acontece em kimbundu, devemos considerar não só o género mas igualmente o número. Neste tipo de línguas, a noção de género não implica, como acontece com o kimbundu, uma oposição entre o singular e o plural de um nome, mas sim a oposição entre o feminino e o masculino, noções (inexistentes em kimbundu) ligadas à caracterização do nome nessa língua.

## Exemplos:

<i>singular</i>	<i>plural</i>
filhaø	filhas
meninoø	meninos
amigaø	amigas
mentirosoø	mentirosos

É importante sublinhar que o locutor do kimbundu tem a noção da oposição de número; na realidade, ele nunca diz /uma caixa/, ao referir-se a duas ou diversas caixas, mas sim, /umas caixa/.

## ii. O género

Como afirmámos, a classificação de um nome em português implica igualmente a distinção entre os géneros masculino e feminino.

## Exemplos:

<i>feminino</i>	<i>masculino</i>
filha	filho
menina	menino
amiga	amigo
mentirosa	mentiroso

Ao contrário do verificado em português, o kimbundu, como o pudemos notar, implica diversas classes de nomes, representadas por prefixos, organizados em pares /singular~plural/ nos quais "as distinções sexuais não são importantes"<sup>26</sup>. A inexistência de diferença entre as

<sup>26</sup> Cf. William Welmers, 1973, Pág. 159

noções feminino/masculino pode ser verificada pela tradução dos exemplos que se seguem :

<i>K</i>	<i>LP</i>
tata ami nome/deter. pos.	"meu pai"
mama ami nome/deter. pos.	"minha mãe"
jindandu jami ji-ndandu/ji-ámi nome/pref. de acordo+deter. pos.	"meus irmãos"

A análise destes exemplos permite-nos, por outro lado, salientar que o kimbundu não recorre à flexão do determinante possessivo. Os prefixos antepostos às bases dos nominais reportam-se aos referentes.

O português, em contrapartida, e como nós pudemos verificar, flexiona o determinante e, mais, atesta uma oposição quanto ao número e ao género. A inexistência de diferença entre as noções feminino/masculino a que nos referimos, é responsável pelas construções utilizadas por locutores bilingues (kimbundu-português) não escolarizados, do português falado em Lwanda:<sup>27</sup>

<i>VA</i>	<i>LP</i>
meu mãe	minha mãe
minha pai	meu pai
meu terra	minha terra

<sup>27</sup> Cf. Irene GUERRA MARQUES, 1984, pág. 25.

### 3.3 O nominal complemento directo/indirecto

Um outro fenómeno muito frequente é o que se liga à confusão entre o pronome pessoal, em função de complemento directo e o mesmo pronome em função de complemento indirecto. A partir do kimbundu, onde o pronome pessoal em função de complemento directo e/ou indirecto é representado por um mesmo morfema, /mu/, o locutor do kimbundu ao falar português não faz a distinção entre /o/, /a/, pronome pessoal em função de complemento directo e, /lhe/, o mesmo tipo de pronome mas, desta feita, em função de complemento indirecto, o qual pode aparecer amalgamado com os pronomes /o/, /a/, (complemento directo) em /-lho/ e/ou /-lha/.

Exemplos do kimbundu:

ngamumono kya  
nga-mu-mono/kya  
eu/o/ver+perfectivo/já  
"eu já o vi"

ngamubane mahonjo  
nga-mu-bane/ma-honjo  
eu/lhe/dar+perfectivo/bananas  
"eu dei-lhe (algumas) bananas"

o mundele yo, eye wondomwambata?  
o mundele/yo/eye/u-ondo-mu-ambata  
branco/esse/tu/tu- futuro-o-levar  
"esse branco aí, vais levá-lo?"

Tendo como referência as construções indicadas acima, onde o pronome em função de complemento directo e/ou indirecto apresenta a mesma estrutura formal, os Angolanos utilizam a mesma construção. Porém,

na totalidade dos exemplos, constata-se na variante angolana, por interferência do mesmo tipo de construção em kimbundu, que o pronome não é nunca enclítico como em português, mas proclítico, como se pode notar nos exemplos que apresentamos a seguir:

- a) sô Paulo, lhe atropelaram na venida Brasil<sup>28</sup>  
em vez de:  
sr. Paulo, atropelaram-no na Avenida Brasil
- b) posso gritar, lhe prendem  
em vez de:  
posso gritar, e prendem-no
- c) você pensa que não lhe conheço?<sup>29</sup>  
em vez de:  
você pensa que não o conheço?
- d) agora que lhe despediram  
em vez de:  
agora que o despediram
- e) foi ele que lhe levou no posto  
em vez de:  
foi ele que o levou ao posto

Contudo, perante uma frase em que as funções de complementos directo e indirecto aparecem na mesma frase e são representadas por nominais, à semelhança do que acontece em kimbundu, onde só um dos elementos pode ser representado por um pronome, constata-se a construção seguinte:

<sup>28</sup> Cf. Jofre ROCHA, 1985, pág. 19.

<sup>29</sup> Cf. Luandino VIEIRA, 1972, op. cit., pág. 17.

deste o livro ao João? Sim lhe dei com ele  
em vez de:

... ao João? Sim, dei-lho

Nestes exemplos, os escritores angolanos, ao representarem a linguagem popular, não lhe são muito fiéis porquanto, por não existir seguramente em kimbundu a palatal lateral [λ], os locutores da variante utilizam a lateral dental [l]. Assim, em vez de dizerem "... Sim, lhe dei com ele", dizem "... Sim, le dei com ele".

### 3.4 O acordo entre o nominal sujeito e o predicado

Uma outra particularidade do português falado em Lwanda, que nos parece, igualmente, ser um exemplo de interferência, é o que se liga à ausência de acordo entre o pronome em função de sujeito e o predicado. É que, em kimbundu, só existe uma única forma verbal para todas as pessoas, como se pode notar nos exemplos:

	<i>K</i>	<i>LP</i>
A.	eme ngidya eye udya mwene udya etu tudya	eu como tu comes ele come nós comemos
B.	eme ngadya eye wadya mwene wadya	eu comi tu comeste ele comeu

De salientar que /ng-/ e /u-/ são os representantes dos pronomes pessoais, em função de sujeito, /eme/, /eye/ e /mwene/; a vogal /-i-/ é o morfema do presente e

/-a-/ o do passado. Por outro lado, é de notar que as formas verbais da segunda e terceira pessoas em kimbundu são formalmente idênticas.

Não existindo, por outro lado, em kimbundu, o tratamento cerimonioso para a terceira pessoa do singular, representado em português por /você/, o locutor luan-dense confunde /tu/ e /você/. A ausência do acordo a que nos referimos pode ser atestada ao comparar as frases que apresentamos a seguir, como exemplos do português falado em Lwanda relativamente ao de Portugal. Aí reside, em nossa opinião, a dificuldade em fazerem o acordo do pronome em função de sujeito e o predicado e o aparecimento de construções como as que se seguem:

- a) as lavra é nosso  
em vez de:  
as lavras são nossas
- b) você tens estudos de quê?<sup>30</sup>  
em vez de:  
que estudos tem você/tens tu?
- c) eu sou mulher mas você não brinças comigo  
em vez de:  
eu sou mulher mas tu não brinças comigo
- d) Kaxena deve chamar você com o teu homem<sup>31</sup>  
em vez de:  
Kaxena deve chamar-te e ao teu homem

<sup>30</sup> Cf. Boaventura Cardoso, 1977, pág. 34.

<sup>31</sup> Cf. Xitu Uanhenga, 1980, pág. 73.

- e) esta maka<sup>32</sup> passou no ano que você nasceste  
em vez de:  
esta maka aconteceu no ano em que tu nasceste

## 2.5 Os locativos

Nas línguas bantu, existem três locativos. No que respeita ao kimbundu, esta língua atesta as formas /ku, /mu/ e /bu/, que podem igualmente, prefixadas a bases pronominais e/ou nominais, formar sintagmas nominais com valor espacial. Eles estão assim distribuídos:

- ku – direccional, lugar distinto e distante; interioridade;  
mu – interioridade;  
bu – superposição, à superfície de;

Apresentamos alguns exemplos:

- a) nde kuna vai para lá  
/nde/ku-na  
ir+imperativo/locat.+ dem.
- b) mwene wala kubata ele está em casa  
/mwene/w-ala/ku-(di)bata  
ele/ele-estar+ imperfectivo/locat.-casa
- c) mwene wamuya kubata ele vai para casa  
/mwene/u-amuya/ku-(di)bata  
ele/ele-ir+ progressivo/locat.-casa

<sup>32</sup> Possivelmente para evitar a confusão com o item português /maca/, esta palavra entrou no léxico da variante, respeitando a ortografia utilizada para as línguas bantu de Angola.

- d) mwene wala monzo                    ele está em casa/  
quarto

*/mwene/u-ala/mu-inzu*

ele/ele-estar+imperfectivo/locat.-casa

- e) mwene wambata                    O que é que ele  
anyi bu mutwe?                    leva à cabeça?

*mwene/u-ambata/anyi/bu/mutwe*

ele/ele-levar+imperfectivo

/o que é/locat./cabeça

Quanto ao português, ele atesta todo um conjunto de elementos para designar as funções espaciais que acabámos de constatar nos exemplos precedentes. São as preposições */para/*, */em/*, */à/* (a preposição */a/* em amálgama com o artigo definido */a/*), */a/*, etc.

Os bilingues angolanos que se encontram ao nível do bilinguismo funcional não conseguem fazer a diferença entre as diversas funções e produzem frases complexas como, por exemplo:

- a) Vão depressa na casa do camarada Nazário<sup>33</sup>  
em vez de:  
Ide depressa à casa...
- b) Ainda antes de irem na cama  
em vez de:  
Antes de irem para a cama
- c) Começaram a contar nos amigos  
em vez de:  
Começaram a contar aos amigos

<sup>33</sup> Cf. Manuel Rui Monteiro, 1984, pág. 13.

Exemplos como os que acabámos de descrever são numerosos e de captação fácil, pelo que a maioria dos escritores angolanos os utiliza, embora, diga-se em abono da verdade, que uma grande parte deles já criou uma linguagem que lhes é própria e que, só em termos de referência, se pode afirmar que ela reflecte o modo de comunicar do povo.

Contudo, apresentamos de seguida alguns dos seus exemplos, porquanto, como tivemos ocasião de explicar, não nos foi possível fazer um inquérito pormenorizado junto da população de Lwanda.

#### Angola

#### Portugal

- |  |   |
|--|---|
| a) Caminho do alcatrão<br>que leva na baixa              | Caminho de alcatrão que<br>leva à baixa <sup>34</sup> |
| b) Foi ele que lhe levou<br>no posto                     | Foi ele que o levou<br>ao posto <sup>35</sup>         |
| c) E a darem cinturões<br>nas pessoas que iam<br>no beco | E a darem cinturões às<br>pessoas que iam ao beco     |
| d) Não se deve dar papa<br>muito quente nas<br>crianças  | Não se deve dar papa<br>muito quente às crianças      |

<sup>34</sup> Cf. Luandino Vieira, 1978, pág. 20.

<sup>35</sup> Cf. Boaventura Cardoso, 1979.

#### 4. Lexicalização dos empréstimos

Os verbos e os nominais que foram integrados no léxico do português de Angola não entraram todos na língua da mesma maneira. Pudemos notar que os verbos foram lexicalizados, na sua grande maioria, sem o respectivo prefixo de classe /ku-/ e que ganharam um sufixo final /-r/, característica do infinito em português. Verificaram-se algumas exceções, como podemos constatar nos exemplos apresentados abaixo :

<i>K</i>	<i>VA</i>	<i>LP</i>
kubanza	banzar	"reflectir, pensar"
kubaza	bazar	"ir-se embora, fugir"
kukanga	cangar	"apanhar, amarrar"
kukoxila	cochilar	"dormitar"
kubungula	bungular	"amaldiçoar"
kulenga	lengar	"fugir"
kusunguila	sunguilar	"divertir-se dançando" <sup>36</sup>
mas, kudibota	curibotar	"maldizer"

No que respeita aos nominais, eles podem ser divididos em três grupos. O primeiro engloba os nominais que foram lexicalizados com o respectivo prefixo singular de classe; o segundo reagrupa aqueles que entraram na variante angolana só com a estrutura da sua forma plural e o último integra os nominais lexicalizados

<sup>36</sup> Este item teve duas entradas em português; uma primeira, implicando uma mudança de categoria gramatical, donde o termo /kussunguila/, nome dado a uma caixa de Lwanda; uma segunda como verbo.

sem perda do respectivo prefixo. A variante comporta, por outro lado, nomes que entraram no léxico do português de Angola com os dois prefixos, o do singular e o do plural.

#### i. Exemplos de palavras de que só a forma do singular foi lexicalizada

kambuta	cambuta	anão, de pequeno porte
kasule	caçula	filho/a, irmã/o, mais novo/a
kasumbula	cassumbula	jogo infantil tradicional
kandenge	candengue	filho/a, irmã/o, mais novo/a
kyabo/ngombo	quiabo	legume local
kimbanda	quimbanda	curandeiro/a, médica/o
kibetu	quibeto	luta, tarefa
kimbombo	quimbombo	bebida tradicional
kimbundu	quimbundo	a língua dos Ambundu
kinda	quinda	pequeno cesto
kisangwa	quissangua	bebida tradicional
kizomba	quisomba	divertimento/festa
kubata	cubata	palhota
lwanda <sup>37</sup>	luanda	Luanda (a capital)
lwandu	luando	grande esteira
mudingi	muringue	recipiente <sup>38</sup>

<sup>37</sup> Neste exemplo, verifica-se um fenómeno de consonantização da vogal posterior do prefixo /lu-/. A vogal /-a/ marca, seguramente, o feminino de /lwandu/ porque referido à cidade do mesmo nome.

<sup>38</sup> O muringue era utilizado para guardar e conservar a água fresca.

mufuma	mafumeira	árvore frondosa
mukanda	mucanda	carta
mulemba	mulembeira	árvore frondosa
museke	musseque	bairro africano, bairro periférico
mutudi	muturi	viúva
muzonge	musongue	sopa de peixe
Øpakasa	pacaça	boi selvagem
Øngulungu	gulungo	veado

ii. – Exemplos de palavras lexicalizadas com perda do prefixo do singular

díkamba	camba	amigo
díkota	cota	mais velho
díleku	leco	assanhadice, vivacidade
dísanga	sànga	bilha <sup>39</sup>

iii. – Exemplos de palavras de que só a forma do plural foi lexicalizada

ambundu	ambundo	“os locutores de kimbundu”
imbamba	imbamba	“bagagens”
jimbowa	gimboa	“legume local”
jindungu	jindungo	“baga/s picante/s”
jìnginga	jìnguinga	“prato tradicional”
mabanga	mabanga	“tipo de marisco”
mabeku	mabeco	“cão/es selvagens”
maboki	maboque	“fruto/s silvestre/s”
madimbundu	marimbondo	“insectos cuja picadela é dolorosa”

<sup>39</sup> A sanga tem a mesma função do muringue mas é muito maior.

makunde	macunde	“espécie de feijão”
malamba	malamba	“desgraça/s”
maluvu	maruvo	“vinho de palma”
masambala	massambala	“tipo de cereal/ais”
masangu	massango	“cereal/ais local/ais”
matete	matete	“papa/s de farinha de mandioca e/ou de milho”
mateba	matebeira	“espécie de palmeira”
milongu	milongo	“medicamento/s”
misanga	missanga	“jóias tradicionais”

iv. – Exemplos de palavras de que foram lexicalizadas as formas do singular e plural

díka	dica	informação <sup>40</sup>
máka	maka	problemas, discussões
díbute	dibute	ferida infectada
mábute	mabute	feridas infectadas

Após o inventário que acabámos de apresentar, parece-nos ser possível inventariar e classificar o tipo de alterações que a língua portuguesa sofreu devido ao seu contacto com o kimbundu na região de Lwanda. Com efeito, é evidente que a estrutura formal é portuguesa mas a referência a uma língua de origem bantu está presente. Estas alterações são, em nossa opinião, as seguintes:

<sup>40</sup> Constata-se aqui um fenómeno de derivação semântica porquanto em kimbundu, /díka/ é o singular e /máka/.



## A. Alterações ao nível da proposição

Este tipo de alterações pode ser constatado a vários níveis. Apresentamos, seguidamente, alguns exemplos ligados não somente à estrutura da proposição como também ao nível dos vários elementos que a compõem:

### 1. Plano semântico

- a) eu ainda não nasci a minha mãe é que me nasceu<sup>41</sup>

A análise da frase permite-nos constatar que, embora seja formalmente portuguesa, existe nela uma referência semântica à língua materna kimbundu. Com efeito, ela está, sem quaisquer dúvidas, presente neste exemplo, na medida em que em kimbundu não existe o verbo "nascer", mas sim o verbo "dar à luz" e/ou "parir", o que pressupõe uma acção passiva do filho no acto de nascença; em português diz-se /nasci em Luanda/, mas em kimbundu, diz-se /mam'ami wangivalela ku Lwanda, isto é, "a minha mãe deu-me à luz (pariu-me) em Lwanda". Deste modo, como ainda não tinha dado à luz, ela não poderia ter nascido.

- b) mamã, o meu amigo se rotou na escola

Neste exemplo, a criação do verbo [Rotar] resulta da interferência do kimbundu onde, somente os seres animados podem ser agentes de qualquer tipo de acção. Por conseguinte, o uniforme não pode "destruir-se" e, obviamente, "rotar-se" por si próprio. Nesta conformidade, o Angolano, tendo como base a construção da sua língua materna, criou o verbo [Rotar], a partir do adjectivo português [Rotu].

<sup>41</sup> É a resposta à pergunta "quando é que nasceste?"

- c) é o problema que estamos com ele

Por outro lado, em kimbundu nunca se diz "tenho fome" ou "tenho um problema" mas "eu estou com fome; uma/ a fome está comigo" e/ou "nós estamos com um/o problema". Daí a construção de frases como a da alínea c).

### 2. Plano dos elementos da proposição

No que respeita aos elementos de uma proposição, podemos constatar:

- a) Substituição da próclise pela ênclise pronominal
- deste o livro ao João? Sim **lhe** dei com ele
  - posso gritar, **lhe** prendem
- b) Aumento do número de elementos da proposição
- deste-o livro ao João ? Sim **lhe** dei **com ele**
  - é o problema que estamos **com ele**

## B. Alterações no acordo de género entre o determinante e o nome:

VA	LP
meu mãe	minha mãe
minha pai	meu pai

Sendo a distinção sexual inexistente em kimbundu, os locutores da variante apresentam uma incapacidade em fazer a diferença entre o acordo do determinante com um nome do género masculino e/ou do feminino, como podemos constatar nos exemplos dados.

C. Alterações ligadas à singularização dos plurais do kimbundu:

K	V/A
ambundu	ambundo
imbamba	imbamba
jindungu	jindungo
jinguba	jinguba
mabanga	mabanga
malamba	malamba
mabeku	mabeco
masangu	massango
misanga	missanga

Todos os items acima apresentados estão no plural. No entanto, eles entram em português como se estivessem no singular, fazendo por conseguinte, o plural como qualquer outra palavra portuguesa: com sufixação do morfema do plural /-s/.

Exemplos:

ambundu	ambundos	"locutores de kimbundu"
imbamba	imbambas	"bagagens"
jindungu	jindungos	"baga/s picante/s"
jinguba	jingubas	"amendoins"
mabanga	mabangas	"marisco local"
malamba	malambas	"desgraças"
mabeku	mabecos	"cães selvagens"
misanga	missangas	"jóias tradicionais"

D. Interferências fónicas

No que respeita à interferência fónica, comecemos por apresentar os quadros fonéticos do kimbundu, do português padrão e o da variante angolana, para podermos aquilatar o tipo de interferências. No que respeita às vogais temos:

1. *Kimbundu*

	Anter.	Central	Post.
1.º grau	[i]		[u]
2.º grau	[e]		[o]
3.º grau	[ɛ]		[ɔ]
4.º grau		[a]	

2. *Português padrão*

a) *Orais*

	Anter.	Central	Post.
1.º grau	[i]		[u]
2.º grau	[e]	[α]	[o]
3.º grau	[ɛ]		[ɔ]
4.º grau		[a]	

b) *Nasais*

	Anter.	Central	Post.
1.º grau	[ĩ]		[ũ]
2.º grau	[ẽ]	[ã]	[õ]

3. Variante angolana

a) *Orais*

	Anter.	Central	Post.
1.º grau	[i]		[u]
2.º grau	[e]		[o]
3.º grau	[ɛ]		[ɔ]
4.º grau		[a]	

c) *Nasais*

	Anter.	Central	Post.
1.º grau	[ĩ]		[ũ]
3.º grau	[ẽ]		[õ]
4.º grau		[ã]	

Uma análise comparativa dos quadros permite-nos constatar que a variante comporta vogais orais e nasais, caso do português padrão, porém sem a vogal central do 2.º grau de abertura, característica do português. Por outro lado, a vogal nasal central é do 4.º grau de abertura, à semelhança da vogal central do kimbundu.

Quanto às consoantes temos:

1. *kimbundu*

		Bilabial	Labio-denta	Apical	Pre-palatal	Palatal	Velar	Glotal
Orais	Fortes (surdas)	[p]	[f]	[t]	[s]	[ʃ]	[k]	[h]
	Fracas (sonoras)	[b/β]	[v]	[d]	[z]	[ʒ]		
Nasais	Fortes (nasais)	[m]		[n]		[ɲ]		
	Fracas (pré-nasais)	[mb]	[ɱv]	[nd]	[nz]	[ɲʒ]	[ŋg]	
Contínuas				[l]		[ʎ]	[w]	

2. *Português padrão*

Orais						Nasais
Não-contínuas		Contínuas				Não-contínuas
[p]	[b]					[m]
		[f]	[v]			
[t]	[d]	[s]	[z]			
				[ʎ]	[r]	[n]
		[ʃ]	[ʒ]	[λ]		[ɲ]
[k]	[g]				[R]	

### 3. Variante angolana

Orais						Nasais
Não-contínuas		Contínuas				Não-contínuas
[p]	[b]					[m]
		[f]	[v]			
[t]	[d]	[s]	[z]			
				[l]	[r]	[n]
		[ʃ]	[ʒ]	[λ]		[ɲ]
[k]	[g]				[R]	

A semelhança do que aconteceu com as vogais, também o complexo consonântico da variante, acusa uma constituição híbrida que se distingue do kimbundu pela inexistência de consoantes pré-nasais e glotal bem como, pela presença das vibrantes; contudo ela diferencia-se do português, porquanto atesta algumas consoantes inexistentes nessa língua.

Apresentamos a seguir em kimbundu, na variante e na respectiva forma em português padrão, alguns dos dados utilizados para exemplificar os diversos tipos de interferência.

#### D. Mudança do grau de abertura das vogais

<i>K</i>	<i>VA</i>	<i>LP</i>	
[ʒ imbowa]	[ʒ ibowa]	[ʒ iboə]	"legume local"
[kukɔfila]	[kɔfilare]	[kɥifilar]	"dormitar"
[kudibota]	[kuribotare]	[kuribɥtar]	"coscuvilhar"

#### *LP*

[asordα]	[asoreda]	"açorda"
[katar]	[kātare]	"cantar"
[verd]	[vrde]	"verde"
[pɔ̃zurativu]	[pɛ̃zɔrativu]	"pedinte"
[pɔ̃dit]	[pedite]	"pedinte"
[verd]	[vrde]	"verde"
[asordα]	[asoreda]	"açorda"
[pɔ̃zurativu]	[pɛ̃zɔrativu]	"pedinte"

#### *VA*

#### E. Nasalização das vogais orais

#### *K*

[kasanda]	[kasãda]	"mulher branca"
[kãnzika]	[kãzika]	"prato tradicional"
[ndendɛ]	[dɛdɛ]	"fruto de palmeira"
[ʒinguba]	[ʒĩguba]	"amendoins"
[kimbanda]	[kĩbãda]	"curandeiro"
[mbɔmbo]	[bɔ̃bo]	"mandioca demolhada"
[makunde]	[makũde]	"tipo de feijão"
[funzi]	[fũze]	"prato tradicional"

#### *VA*

#### *LP*

#### F. Perda de nasalização das consoantes semi-nasais:

#### *K*

[kimbanda]	[kĩbãda]	"curandeiro"
[mbɔmbo]	[bɔ̃bo]	"mandioca demolhada"
[kasanda]	[kasãda]	"mulher branca"
[kimbanda]	[kĩbãda]	"curandeiro"
[ʒinguba]	[ʒĩguba]	"amendoins"

#### *VA*

#### *LP*

[ka <u>n</u> zika]	[kãzika]	"prato tradicional"
[fu <u>n</u> zi]	[fũze]	"prato tradicional"
[n <u>z</u> imbu]	[zĩmbu]	"primeira moeda usada na colónia"

## Conclusão

Sempre que duas comunidades de culturas e línguas diferentes entram em contacto, é favorecida a introdução de elementos de uma língua (em princípio a primeira) na outra, o que não pode deixar de modificar a segunda língua a ser aprendida.

Ao referir-se ao fenómeno de contacto de línguas, Weinreich<sup>42</sup> afirma que a língua aprendida em primeiro lugar resiste melhor à interferência. Relativamente a este assunto, Tabouret-Keler<sup>43</sup> tem uma posição mais precisa, na medida em que, para este autor, o momento em que o indivíduo aprendeu as duas línguas é importante porque, se ele as aprendeu simultaneamente, ele estará à vontade em qualquer delas; se ele as aprendeu em momentos diferentes, estará à vontade na primeira língua, embora possa comunicar através da segunda. Daí o aparecimento das interferências.

A partir destes pontos de reflexão, e tendo em conta o tipo de relações que caracterizaram a situação colonial, parece evidente, que o português, mais que o kimbundu (apesar da sua condição de língua não prestigiada), foi o que sofreu a um nível mais elevado o fenómeno da interferência.

<sup>42</sup> Cf. Uriel Weinreich, op. cit., pág. 88.

<sup>43</sup> Cf. A. Tabouret-Keller, 1972, págs. 17-41.

Com efeito:

a) a língua portuguesa foi falada não somente por aqueles que a tinham como língua primeira, mas igual e principalmente (porque mais numerosos), pelos colonizados, que tinham como língua primeira o kimbundu, que é, estruturalmente, diferente do português;

b) os colonizados eram, na sua grande maioria, analfabetos tendo, por conseguinte, um conhecimento muito reduzido ou quase nulo da nova língua;

c) a utilização do português foi, sem dúvida, influenciada pela situação conflituosa representada pelas oposições (na colónia) entre, nomeadamente, colonizador/colonizado, utilização obrigatória da língua estrangeira/proibição de utilização da língua local e tudo isto, ligado a uma não aceitação da situação de subalternização por parte dos Angolanos;

d) o português esteve confrontado com um meio ambiente, tanto físico como cultural diferente, donde a sua necessidade de ultrapassar os vazios lexicais.

Embora tenhamos desenvolvido bastante esforço para dar uma ideia das características do português falado em Lwanda e tentado fazer uma análise do fenómeno de contacto de línguas que caracteriza a sociedade angolana, estamos conscientes de que o nosso estudo, não sendo de modo nenhum exaustivo, deverá prosseguir. Na realidade, o nosso trabalho não é, como o afirmámos inicialmente, mais do que uma pequena contribuição ao

estudo, mais geral, do problema do contacto de línguas em Angola.

Se compararmos os dois tipos de políticas linguísticas, a portuguesa e a angolana, poderemos constatar que a portuguesa se baseou numa acção em favor do prestígio, difusão e protecção do português em Angola, em detrimento das línguas locais. A política angolana começa a dar os seus primeiros passos no caminho da promoção, protecção e difusão das línguas locais, mas, ao contrário do que se verificou durante a época colonial, a utilização da língua portuguesa não foi interdita. E mais, a língua portuguesa goza de um estatuto especial na ex-colónia, na medida em que é a única língua oficial do país.

## Bibliografia

A.A.V.V. / 1954

Estatuto dos Indígenas Portugueses das Províncias da Guiné, Angola e Moçambique, in *Diário do Governo*, 1.ª Série, N.º 110, Lisboa.

BONVINI, Emilio / 1974

*Traits Oppositionnels et Traits Contrastifs en Kasim. Essai d'Analyse Phonologique*, Paris, Publications Orientalistes de France, 290 p.

CALVET, Louis-Jean / 1974

*Linguistique et Colonialisme*, Paris Payot, 236 p.

\_\_\_\_\_ / 1981

*Les langues Véhiculaires*, Paris, PUF, 128 p.

CARDOSO, Boaventura / 1979

"Joãozinho Menino" in *Lavra e Oficina*, caderno especial dedicado à literatura angolana em saudação à IV Conferência dos Escritores Afro-Asiáticos, Luanda;

\_\_\_\_\_ / 1977

*Dizanga dia Muenhu*, Lisboa, Edições 70, 95 p.

\_\_\_\_\_ / 1987

*A Morte do Velho Kipacaça*, Lisboa, Ed. 70, 105 p.

CHATELAIN, Héli / 1888/89

*Gramática Elementar do Kimbundu ou Língua de Angola*, Genève, Typ. de Charles Schuchardt, 172 p.

- \_\_\_\_ / 1894  
*Folk Tales of Angola*, Boston and New York, XII+6 p.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley / 1984  
*Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Ed. João Sá da Costa, 744 p.
- DIAS, Pedro / 1697  
*Arte da Língua de Angola*, Lisboa, officina de Miguel Deslandes, 49 p.
- FISHMANN, J. A. / 1965  
Who Speaks What Language to Whom and When?, in *La Linguistique*, N.º 2, Paris, pp. 67-88
- \_\_\_\_ / 1967  
Bilingualism with and without Diglossia; Diglossia with and without Bilingualism, in *Journal of Social Issues*, Worcester, the Hefferman Press Inc, vol. 23, N.º 2, pp. 29-47
- GUTHRIE, Malcolm / 1948  
*The Classification of the Bantu Languages*, London, Oxford University Press, 91 p.
- HAGEGE, Claude / 1982  
*La Structure des Langues*, Paris, Presses Universitaires de France ("Que sais-je?", 2006), 128 p.
- \_\_\_\_ / 1985  
*L'Homme de Paroles. Contribution Linguistique aux Sciences Humaines*, Paris, Fayard (Le Temps des Sciences), 314 p.
- INSTITUTO DE GEODESIA E CARTOGRAFIA DE ANGOLA / 1985  
*Esboço Geográfico da República Popular de Angola*, Luanda Ed. do Instituto de Geodesia e Cartografia de Angola

- INSTITUTO NACIONAL DE LÍNGUAS / 1980  
*Histórico sobre a Criação dos Alfabetos em Línguas Nacionais*, Lisboa, Ed. 70, 178 p.
- LABOV, William / 1976  
*Sociolinguística*, Trad. Alain Kihm, Paris, Ed. Minuit, 458 p.
- MARTINET, André / 1980  
*Eléments de Linguistique Générale*, Paris, Armand Colin, 221 p.
- MARQUES, Irene Maria Guerra / 1985  
*Algumas Considerações sobre a Problemática Lingüística em Angola*, Luanda, Ed. Inald, 25 p.
- MATOS, Norton de / 1921  
Legislação N.º 77, in *Boletim Oficial de Angola*, N.º 50, 1.ª Série, Luanda
- MONTEIRO, Manuel Rui / 1984  
*Quem Me Dera Ser Onda*, Luanda, Ed. Inald/Edimpu, 76 p.
- NGALASSO, M. Mwatha / 1987 a)  
As Línguas Nacionais na Educação Nacional, in *Présence Africaine*, N.º 142, Paris, p. 119-129
- \_\_\_\_ / 1987  
O Ensino das Línguas Segundas em África, in *Jornal de Angola*, Luanda.
- PEDRO José Domingos / 1987  
*Systématique Phonologique et Grammaticale du Kimbundu*, tese não publicada, Paris, Ecole Pratique des Hautes Etudes, 245 p.
- PEPETELA, / 1985  
*O Cão e os Calús*, Lisboa, Ed. Publicações Dom Quixote, 186 p.



REDINHA, José / 1974

*Etnias e Culturas de Angola*, Luanda, Ed. Instituto de Investigação Científica de Angola

RIBAS, Óscar / 1962

*Missosso*, II vol., Luanda, Ed. do autor, Tipografia Angolana, 319 p.

ROCHA, Jofre / 1985

*Crónicas de Ontem e de Sempre*, Luanda, Col. Lavra & Oficina, Ed. União dos Escritores Angolanos, 53 p.

TABOURET-KELER, A. / 1978

Plurilinguisme et Interférence, in *La Linguistique*, Guide alphabétique, Paris, Ed. Denöel, pp. 305/317  
\_\_\_\_\_/ 1982

Entre Bilinguisme et Diglossie du Malaise. Des Cloisonnements Universitaires au Malaise Social, in *La Linguistique*, Paris, vol. 18, fasc. 1, pp. 17-41

VIEIRA, Luandino / 1972

*Luanda*, Lisboa, Edições 70, 188 p.

WEINREICH, Uriel / 1968

Unilinguisme et Multilinguisme in André Martinet *Le Langage*, Paris, Ed. Gallimard, pp. 645/684  
\_\_\_\_\_/ 1974

*Languages in Contact - Findings and Problems*, Mouton, The Hague, Paris, 149 p.

WELMERS, William / 1973

*African Languages Structures*, Berkeley, California University Press, 488 p.

## Anexo

### Interferências lexicais do kimbundu no português

A lista que se segue reagrupa algumas palavras do kimbundu que foram lexicalizadas em português e que são utilizadas, em Angola, quer pelos Angolanos, quer pelos Portugueses. Elas integram diversos níveis como podemos constatar, pelos exemplos que se seguem:

#### A - Geral

<i>K</i>	<i>VA</i>	<i>LP</i>
Ngola	Angola	Angola
basula	baçula	tipo de luta tradicional
dikamba	camba	amigo/a
dikota	cota	mais velho
dileku	leco	assanhadice
dileku	leco (ter)	ser assanhada/o
disanga	sanga	bilha grande
imbamba	imbamba	bagagem
kabetula	cabetula	dança popular
kafune	cafune	pequenas carícias feitas sobre a cabeça
kalunga	calunga	mar, morte
kamabwinhi	camabuim	alguém desprovido de dentes <sup>44</sup>

<sup>44</sup> Este termo é utilizado como adjetivo e/ou nome.

kambuta	cambuta	anão, de pequeno talhe
kandenge	candengue	o mesmo que caçula
kasanda	cassanda	mulher branca
kasumbula	cassumbula	jogo tradicional infantil
kasule	caçula	o mais jovem dos irmãos e/ou filhos
katinga	catinga	suor mal odoroso
kibetu	quibeto	luta
kizomba	quisomba	festas/divertimento
kubaza	basar	ir-se embora, fugir
kubanza	banzar	ficar admirada/o <sup>45</sup>
kubata	cubata	
	palhota	
kukanga	cangar	prender
kukoxila	cochilar	dormitar
kununu	cununo (adj.)	alguém com dentes salientes
kusabula	sabular	trair um segredo
ifuba	fuba	farinha <sup>46</sup> (de mandioca)
lwandu	luando	grande esteira
mbunda	bunda	traseiro, nádegas
madimbondu	marimbondu	insecto cuja a picadela é dolorosa
mudingi	muringue	bilha de água
mulemba wa ixi ya Ngola	mulemba xangola	nome de uma região <sup>47</sup>

<sup>45</sup> Verifica-se neste exemplo uma expansão semântica porquanto /kubanza/ significa, em kimbundu, "pensar, meditar".

<sup>46</sup> Este item existe igualmente na variante mas aplicado a um produto que é obtido da mandioca crua, que é ralada e, em seguida, torrada.

<sup>47</sup> Mulemba Xangola, sintagma nominal significando "a mulemba de Ngola (reino)". Segundo informações colhidas junto

## B – Alimentar

fuba	fuba	farinha de mandioca
funji	funje	prato tradicional
jinginga	jinguinga	prato tradicional
kanjika	canjica	guloseima tradicional
kibeba	quibeba	prato tradicional
kifufutila	quifufutila	guloseima tradicional
kikwanga	quicuanga	pão de mandioca
kikwela	quicuerra	guloseima tradicional
kimbombo	quimbombo	bebida tradicional
kisangwa	quissângua	bebida tradicional
kitaba	quitaba	pasta de amendoim
kitande	quitande	puré de feijão cozinhado com óleo de palma
kitotu	quitoto	bebida tradicional
kizaka	quisaka	prato tradicional
makoka	macoca	mandioca <sup>48</sup>
matete	matete	papa de farinha de mandioca e/ou milho
mbombo	bombo	mandioca demolhada
mufete	mufete	prato tradicional
muzonge	musongue	prato tradicional
mwamba	muamba	prato tradicional

de populares, sempre que um membro da família real pernoitasse num lugar, era logo aí plantada uma árvore para assinalar a sua passagem; esta árvore foi plantada aquando de uma vinda da princesa Njinga (mais tarde rainha do reino de Ngola) a Lwanda.

<sup>48</sup> A mandioca é enterrada de modo a ficar bolorenta, sendo depois cozida em banho-maria. É comida com jinguba cozida ou torrada.

## C – Saúde

dibute	dibute	ferida infectada
kalundu	calundus (ter, estar com)	ficar muito nervoso/a
katolo-tolo	catolo-tolo	queda de cabelo
kifunate	quifunate	entorse
kimbanda	quimbanda	curandeiro
kikonha	quiconha	desmaio
kujola	jolar(quifunate)	massajar (entorse)
jiba	jiba	marreca
makulu	maculo	hemorróidas
mbumbi	bumbe	hérnia testicular

## D – Flora

ngajaja	gajaja	fruto local ( <i>Spondias mombin</i> L.)
jimbowa	jimboa	legume ( <i>Amarantus caudatus</i> L.)
jindungu	jindungo	baga picante ( <i>Capsicum</i> spp.)
jinguba	ginguba	amendoim ( <i>Arachis hypogaea</i> L.)
kasunela	cassuneira	<i>Euphorbia rhipsaloides</i> (Welw.)
kaxinde	caxinde	chá-príncipe ( <i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.)
kuzonja	quizonji	ervilha do Congo ( <i>Cajanus cajan</i> Druce)
maboki	maboque	fruto local ( <i>Strychnos spinosa</i> Lam.)

makundi	macunde	tipo de feijão ( <i>Vigna unguiculata</i> Walp.)
masambala	massambala	cereal local ( <i>Sorghum</i> spp.)
masangu	massango	cereal local ( <i>Pennisetum robustum</i> Staf & Hubbard)
mbulututu	brotuto	árvore medicamentosa (a crosta) ( <i>Cochlospermum angolense</i> Welw.)
mukwa	múcuá	fruto do imbondeiro
ndende	dendém	noz de palmeira ( <i>Elaeis guineensis</i> Jacq.)
ngombo/ kyabu	quiabo	gombo ( <i>Hibiscus esculentus</i> L.)
nhami	nhame	tubérculo comestível ( <i>Colocasia esculenta</i> Schott) ( <i>Chrysobalanus orbicularis</i> Schumarch)
njimu	jinjimo	espécie de palmeira ( <i>Hyphaene gossweileri</i> [Furtado])
mateba	matebeira	árvore frondosa ( <i>Ceiba pentandra</i> (L.) Gaertn.)
mufuma	mafumeira	árvore frondosa ( <i>Ficus thonningii</i> (Blume))
mulemba	mulembeira	legume local
uze/use	usse	

## E – Fauna

mabanga	mabanga	molusco ( <i>Senilia senilis</i> L.)
mabeku	mabeko	cão selvagem ( <i>Lycan pictus</i> )